**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

DANIELE SOARES CARLIN

**RELAÇÃO INTERPESSOAL PROFESSOR ALUNO NO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO
EM ENFERMAGEM: REPERCUSSÕES NA APRENDIZAGEM ATITUDINAL**

**SÃO PAULO
2011**

Daniele Soares Carlin

**RELAÇÃO INTERPESSOAL PROFESSOR ALUNO NO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO
EM ENFERMAGEM: REPERCUSSÕES NA APRENDIZAGEM ATITUDINAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Orientadora: Profa Dra Maria de Fátima Prado Fernandes.

SÃO PAULO

2011

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Assinatura: _____

Data: __/__/__

Catálogo na Publicação (CIP)
Biblioteca “Wanda de Aguiar Horta”
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Carlin, Daniele Soares

Relação interpessoal professor aluno no ensino profissional técnico em enfermagem: repercussões na aprendizagem atitudinal /

Daniele Soares Carlin. -- São Paulo, 2011.

93 p.

Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profª Drª Maria de Fátima Prado Fernandes

1. Enfermagem – Estudo e ensino 2. Enfermagem – Educação 3. Ensino profissional e técnico 4. Interação interpessoal I. Título.

Nome: Daniele Soares Carlin

Titulo: Relação interpessoal professor aluno no ensino profissional técnico em enfermagem: repercussões na aprendizagem atitudinal

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedicatória

Ao meu marido e companheiro de todas as horas Alexander, por estar sempre ao meu lado, mesmo quando eu mesma não queria estar. Você faz parte de tudo isso.

Aos meus filhos João Pedro e Clara por acreditarem sempre que em algum momento eu viraria mamãe de novo. Sem vocês me mostrando o quanto tudo vale a pena, a mamãe não conseguiria.

À minha mãe, por fazer mais que o possível pra me apoiar nessa aventura, acreditando em minha capacidade como só as mães são capazes.

À tia Síl e ao tio Rê por terem acreditado em mim antes de todo mundo e pelos anos de incentivo.

À tia Sueli, Vó Margarida e Vô Alfredo por acreditarem no meu amor mesmo quando eu não pude estar por perto.

À Bárbara, Carolina, Heloísa, Julia e Alan por tornarem os momentos difíceis mais leves e felizes.

Às minhas crianças Gabriel, Thiago, Renan, Nathalia, Enzo e Bia por alegrarem minha vida.

Em memória de meu sogro, José Jacinto da Silva. Tenho certeza que onde estiver, está tão feliz e orgulhoso quanto eu!

*“pode dar a boa notícia”
(Seu Zequinha)*

Agradecimentos

A Deus, pela coragem diária, força e confiança nos momentos de incertezas e medos.

À orientadora, Profª Drª Maria de Fátima Prado Fernandes, pela competência, respeito, paciência e amorosidade com que conduziu este estudo.

Ao programa de Pós-Graduação em Gerenciamento em Enfermagem - PPGEn, pela concessão da bolsa de mestrado, que garantiu minha imersão nesse estudo.

Às funcionárias do Serviço de Pós-Graduação, Silvana e Regiane, que sempre ajudaram nos momentos de dúvidas.

Às Professoras Doutoras Heloisa Helena Ciqueto Peres do Departamento de Orientação Profissional da EEUSP e Vilanice Alves de Araujo Püschel do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica da EEUSP, e ao Professor Doutor Antonio Fernandes Costa Lima do Departamento de Orientação Profissional da EEUSP, pelas valiosas contribuições no Exame de Qualificação.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Aprendizagem Cognitiva, Emocional e Atitudinal em Enfermagem, pela presença, apoio e incentivo.

Aos enfermeiros professores e alunos de ensino profissional técnico em enfermagem, por serem a inspiração para o estudo.

À minha família por estar sempre presente, mesmo quando eu não estava.

Muito Obrigada,

Carlin DS. Relação interpessoal professor aluno no ensino profissional técnico em enfermagem: repercussões na aprendizagem atitudinal. [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 2011.

RESUMO As relações interpessoais são essenciais em todos os segmentos da vida humana. Nas escolas de enfermagem estas relações posicionam-se como elementos fundamentais para o desenvolvimento dos alunos e para sua formação profissional na área da saúde. Este estudo de natureza qualitativa teve por objetivo analisar a percepção dos professores acerca da relação interpessoal professor-aluno no ensino profissional técnico em enfermagem. O cenário constituiu-se de uma Escola de ensino profissional técnico em enfermagem localizada no município de São Paulo. A coleta de dados realizou-se com grupo focal e empregou-se a análise de conteúdo. Os achados apontaram quatro categorias: Relacionamento interpessoal Professor-Aluno, Atitudes de Professores e Alunos, Perfis de Professores e Alunos e Compromisso com Aprendizagem. Os resultados mostraram que os professores vivenciam a relação interpessoal professor-aluno, com atenção voltada para um aprofundamento na própria prática pedagógica, contudo nem sempre como um processo educativo pautado em princípios e valores. Também referem que são escassos os espaços para diálogos e reflexões acerca de questões relativas à qualidade da relação interpessoal entre professores e alunos. Os professores apontaram que muitas vezes o perfil do aluno não condiz como aquele que busca ser um profissional da saúde e reconheceram o impacto que o relacionamento interpessoal e suas atitudes têm na formação dos alunos do ensino técnico profissional em enfermagem. Conclui-se que a atitude do professor e sua influência no aprendizado atitudinal do aluno foi evidenciada nos achados repercutindo no futuro profissional, bem como os professores reconhecem que sua percepção na relação professor-aluno é pautada em posturas individuais e essencialmente subjetivas e de difícil reconhecimento no desenvolvimento do processo educativo.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem. Estudo e ensino. Educação. Ensino

Carlin DS. Interpersonal relationship between teacher and student in the nursing vocational education: regarding attitudinal learning [dissertation]. São Paulo: Universidade de São Paulo. Nursing School, 2011.

ABSTRACT Interpersonal relationships are essential to all segments of any human life. At nursing vocational schools these relationships are positioned as necessary factors to the students' development and to their professional growth in the healthcare area. This qualitative study aimed to analyze the perceptions of teachers about the interpersonal relationship between teacher-student in nursing vocational education. The scenario consisted of a nursing vocational school at the city of São Paulo. The data collection was conducted with a focal group and the technique of content analysis was used to analyze it. The present findings indicate four categories: Interpersonal relationship between teacher and student; Teachers and Students's Attitudes; Teachers and students' profiles; and Students and their commitment to learning. The results showed that teachers experience the interpersonal relationship between teacher-student, with their attention toward deepening in their own teaching practice, though not always as an educational process guided by principles and values. They also noted that there are few spaces for dialogue and reflection about issues concerning the quality of interpersonal relationships between teachers and students. Teachers pointed out that often the student's profile is not consistent as the one who seeks to be a health professional and recognized the impact that their interpersonal relationships and attitudes in the formation of students in nursing vocational education. Its conclude is that the teachers's attitudes and their influence on student's attitudinal learning was evidenced in the findings, impacting the future professional, and the teachers recognize that their perception in the teacher-student relationship is grounded at individual attitudes that are essentially subjectives and difficult to recognize in the development of the educational process.

KEYWORD: Nursing. Study and Teaching. Nursing Education. Vocational Education. Interpersonal Interaction.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1	Relacionamento interpessoal professor aluno.....	12
2.2	Atitudes na aprendizagem e na formação do aluno.....	16
3	APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DE VYGOTSKY	21
4	OBJETIVO.....	26
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	27
5.1	Caracterização do Estudo	27
5.2	Participantes do estudo.....	28
5.3	Procedimentos para a coleta de dados	29
5.4	Aspectos Éticos da Pesquisa	30
5.5	Análise dos dados.....	31
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
7	CONCLUSÃO.....	79
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
9	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	84
	ANEXO 1.....	91
	ANEXO 2.....	92
	ANEXO 3.....	93

Introdução

1 INTRODUÇÃO

MOTIVAÇÃO PARA O ESTUDO

Estudei e me formei Bacharel e Licenciada em Enfermagem na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), entre os anos 2005 e 2009. Tive oportunidades ímpares de aprendizagem, além de poder participar de atividades complementares dentro das Unidades da Universidade. O currículo foi complexo e rico para reflexões, problematizações e busca de soluções, e para aprender a aplicar progressivamente a teoria no contexto da realidade, no âmbito da enfermagem e da saúde. Houve muita ênfase nas práticas educativas e nos trabalhos em grupo, que se tornaram um dos instrumentos utilizados na escola pelos alunos como espaço para aprenderem o trabalho em equipe, quando era exigida a quebra dos grupos de convívio gerados por afinidades.

Procurei aprender a me relacionar com pessoas de diferentes posturas e graus de maturidade, aproveitando esses espaços para observar as atitudes de meus colegas, buscando aprimorar estratégias de trabalho em equipe. Ao longo do desenvolvimento desses trabalhos, pude perceber algumas mudanças de atitudes em mim e em meus colegas, me fazendo questionar o motivo para tal modificação.

Em conversas informais com meus colegas, dentre vários temas em discussão, ressalto que sobre o relacionamento interpessoal entre professor e aluno me chamou muito a atenção. Deste se destacaram: alguns alunos estão tão próximos de seus orientadores que adquiriram posturas semelhantes a eles e; alguns professores ensinam a teoria de como devemos agir na profissão, mas em campo de estágio agem de forma diferente; e algumas atitudes podem ser vistas e absorvidas de forma

positiva ou negativa pelo aluno, às vezes com força significativa, dependendo dos valores e das crenças de cada um.

Esses fatores foram importantes para as minhas inquietações porque mostraram que os alunos também aprendem atitudes a partir de atitudes e isso pode acontecer de forma consciente, tornando os professores, em seu relacionamento com os alunos, potenciais para serem referência.

Durante o bacharelado, procurei trabalhar minhas atitudes visando a minha formação profissional, a partir da observação de outras (professores, colegas e profissionais que convivi nos campos de estágio) que considerava adequada na minha construção como enfermeiro.

Nesse percurso me incomodava o fato dessa dimensão tão importante para os profissionais da saúde (aprender a conviver e ser junto), ser trabalhada no âmbito do ensino apoiando-se mais para o julgamento pessoal.

É desejável que os relacionamentos interpessoais professor aluno sejam saudáveis, mas, no decorrer do curso, devido abrangência do aporte dos conteúdos teóricos e práticos (aprender a conhecer e aprender a fazer) serem tão extensos e requerer de professores e alunos muitos trabalhos a serem desenvolvidos em pouco tempo, não é priorizado sua dimensão relacional.

Com isso houve quebra nesses relacionamentos, influenciando fases importantes da construção atitudinal na formação do aluno.

Devido ao acúmulo de tarefas durante o bacharelado decidi cursar a parte específica do curso de Licenciatura em Enfermagem após seu término, para poder me dedicar à meus conhecimentos em educação. No Projeto Político Pedagógico vigente para os ingressos na EEUSP até o ano de 2009, o curso de licenciatura em enfermagem poderia ser cursado durante ou após o bacharelado.

Esse curso era dividido entre disciplinas comuns às licenciaturas da USP e a parte específica que era cursada na EEUSP, concomitantemente ou após a conclusão do bloco básico em educação. Na Licenciatura, durante o Estágio Supervisionado no Curso Profissionalizante em Enfermagem, pude vivenciar o papel de aluna e também de professora em formação, neste contexto observei mais atentamente o olhar do professor nos relacionamentos com os alunos e suas mudança de atitude.

Os alunos, em grande parte, além dos procedimentos, mostravam muito interesse e davam atenção para as atitudes dos professores. Observei que ficava patente a maneira como o professor se relacionava com os alunos, direcionando o modo como este avaliava o seu comportamento. Se o professor obtivesse o respeito e admiração dos alunos nos momentos anteriores ao estágio, a disposição dos alunos em ratificar a postura do professor na prática aumentava consideravelmente.

Acabei me interessando muito pelo Ensino Profissional Técnico em Enfermagem e decidi que seria importante estudar essa relação e sua influência na aprendizagem atitudinal desses alunos. Devido a este curso ser de curta duração (comparado com o bacharelado) e muitos alunos ainda terem pouco amadurecimento para aprimorar e refletir acerca de suas atitudes, surge a necessidade de se olhar mais atentamente para a questão.

Falar de relações interpessoais é falar do homem e de sua natureza humana, e tudo que emerge do ser como pessoa e de sua capacidade de escuta, de respeito, de humildade, de empatia e, sobretudo, de crescimento humano. Por isso, neste estudo não tenho a pretensão de buscar soluções, mas de apreender um pouco mais acerca dessa realidade que não está presente apenas dentro da escola, mas no mundo em que vivemos, seja no campo pessoal ou profissional.

Fundamentação Teórica

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Relacionamento interpessoal professor aluno

Para entender as relações que se dão nos espaços educacionais, torna-se imprescindível olhar o relacionamento interpessoal professor aluno como aquele que abrange ações pedagógicas e as relações entre eles. Essa última questão se encontra vinculada ao ensino e aprendizagem requerendo do professor nova visão acerca do relacionamento. Para que possa aprender a ter boas relações interpessoais e sociais no contexto de sua prática profissional.

O professor, quando precisar, deve buscar ajuda e suporte para o seu próprio desenvolvimento pessoal e profissional, considerando que isso pode ajudá-lo a ter bom relacionamento, e a criar um ambiente de aprendizagem.

Manter boas relações com os alunos e reconhecer os seus valores pode ser um fator importante para aprendizagem. O professor precisa estar presente e ter comunicação saudável com eles, tendo postura ética de escuta, visando sempre a harmonia nos espaços educativos.

As relações interpessoais são essenciais e importantes para todos os segmentos da vida humana. Nas escolas de enfermagem estas relações se posicionam como fator substancial para o desenvolvimento dos alunos e para sua formação profissional na área da saúde. No entanto, apesar de existir o princípio de uma proposta que contempla aspectos de natureza filosófica e pedagógica no currículo da enfermagem, a competência técnica

do profissional ainda é privilegiada em face à necessidade de instrumentalizar o processo de desenvolvimento pessoal de cada um.⁽¹⁾

Na enfermagem, o relacionamento interpessoal pode ser entendido como a capacidade de estabelecer e manter contato com pacientes e equipe, demonstrando empatia, calor humano e se fazendo entender através da comunicação. A comunicação deve ocorrer de forma cordial e positiva, e deve ter como objetivo diminuir a ansiedade e confortar os pacientes.⁽²⁾

As interações sociais, particularmente as que ocorrem no âmbito escolar, vêm sendo apontadas como um caminho através do qual pode ser possível incrementar o processo de aprendizagem e desenvolvimento, tornando mais produtivo o impacto da escola na trajetória do sujeito.⁽³⁾

O conteúdo de Relacionamento Interpessoal pode ser abordado em cursos de ensino técnico de enfermagem, porém muitas vezes não é levado ao campo de prática, o que faz com que sua aplicabilidade como habilidade no cotidiano de trabalho não seja reconhecida e, quando é abordado, fica associado às realizações de procedimentos técnicos.⁽⁴⁾

A relação interpessoal não está diretamente vinculada aos conteúdos de aprendizagem, mas sim de como esses são processados ao longo da formação do aluno, interferindo em questões como autonomia, autoestima, valores e até projetos de vida. Nesse contexto, professor e aluno são seres independentes numa relação recíproca, cuja principal dimensão é o crescimento numa aprendizagem mútua. Os diferentes pontos de vista, as histórias de vida, os sentimentos, as emoções, numa relação aberta e empática, adquirem um papel facilitador na formação dos futuros profissionais.⁽⁵⁾

Muitos professores falam sobre a relação interpessoal no processo de aprendizagem do aluno, mas mesmo assim não clarificam o que isso significa neste contexto tão complexo, principalmente para o aluno que se encontra muitas vezes em posição de vulnerabilidade.

Devido a essa realidade, muitos alunos tornam-se profissionais sem preparo para o convívio e relação com a equipe multiprofissional, pacientes e familiares. A “maior dificuldade no relacionamento com os pacientes encontra-se no comportamento do próprio profissional”.⁽⁶⁾

Portanto, durante sua formação o estudante de enfermagem precisa entender o que significa relacionamento profissional, ou interpessoal, com finalidade terapêutica, não com caráter de processo em que o relacionamento terapêutico tem enquanto método ou técnica psicoterápica, e sim como um processo de ajuda, e esse método será muito útil em sua relação com clientes, pacientes e usuários.⁽⁷⁾

Corroboro com o autor uma vez que se relacionar está presente no processo da construção do ser a partir das relações que se estabelecem com o outro, com o mundo e consigo mesmo; e que, toda a interação provoca necessariamente alguma mudança nas pessoas, em seus conhecimentos, seus sentimentos ou seus comportamentos.⁽⁸⁾

Nesse sentido o aluno pode desenvolver habilidades para conviver com outras pessoas e aprender a ter atitudes concernentes com aquilo que se espera de “um bom profissional”, que sejam pautadas em princípios éticos, valorizando o respeito, a reciprocidade e a escuta como norteadores das relações humanas. Cabe então ao professor procurar desenvolver espaços de diálogo para melhor conhecer seus alunos a partir de suas histórias, repensando modos de agir em seu processo de aprendizagem, para que possam refletir sobre suas ações, pois estas poderão repercutir em sua prática profissional.

A partir dessas premissas, compreende-se que as relações interpessoais trazem em seu bojo dimensões sociais, educacionais e psicológicas. A relação entre professor e aluno deve ser pautada no diálogo para que se crie relações saudáveis e produtivas para a educação; sendo que o relacionamento existencial eu/tu/nós pode ser considerado indissociável para o provimento de relacionamentos interpessoais.⁽⁹⁾

...o aluno acredita que seu crescimento e a experiência significativa de aprendizagem devem-se, em grande parte, ao professor. Ele percebe o professor como facilitador do aprendizado: ressalta as atitudes ponderadas e o relacionamento de igual para igual que esse estabelece, no qual não há julgamentos ou pressões, sentindo-se o aluno, por isso, à vontade para questionar, discordar e procurar as próprias respostas às suas dúvidas, num processo de aprendizagem conduzido com tranquilidade. Percebe não haver a tão temida pressão que estava acostumado a receber, o que lhe propicia crescimento como nunca imaginara obter no desenrolar de qualquer estágio. Segundo o aluno, foi fundamental o professor estar sempre presente e disponível, ajudando-o em momentos difíceis e instigando a busca de conhecimento para agir nas situações.⁽¹⁰⁾

No âmbito do trabalho dos professores, estes precisam estar atentos em como estão sendo desenvolvidas suas relações com os alunos, para que saibam quando e como podem intervir. O bom professor conjuga habilidades e competências técnicas, acadêmicas, interpessoais, institucionais e outras, com o requisito imprescindível da busca de uma vida digna, pautada em pressupostos de justiça para com o semelhante e de cuidado para quem está próximo. Precisam também perceber que “não há docência sem discência, na medida em que as duas se explicam, e seus sujeitos, apesar das diferenças, não se reduzem à condição de objeto um do outro”.^(11, 12)

Dessa forma, quando voltamos o olhar para as necessidades da nossa sociedade, quando esta busca um profissional técnico em enfermagem, percebemos que esta pede que a formação do aluno contemple habilidades técnicas e afetivas. Para isso o professor deve agregar as ações do cuidar em enfermagem à atenção pelo outro, o compromisso para com o outro, o respeito e a empatia.⁽¹³⁾

Nessa realidade é inegável o valor dos professores que estão comprometidos com a aprendizagem atitudinal e com a humanização, não só no cuidado com o paciente, mas também em relação aos alunos. Todavia, na condução desse processo (humanização), muitos professores esquecem de “humanizar” as relações com os alunos, privando-os da oportunidade de se beneficiarem do discurso que defendem, levando-os ao

distanciamento entre o que é ensinado e o que irão viver quando estiverem atuando como profissionais na prática da enfermagem.⁽¹⁴⁾

Para compor o trabalho do professor que atua no ensino profissional em enfermagem é necessário considerar a importância que a relação interpessoal professor e aluno apresenta na aprendizagem do aluno. As escolas em geral dão ênfase nas aprendizagens de cunho cognitivo e procedimental, com a preocupação que os alunos devem “dominar” esses conhecimentos teórico e prático, em detrimento da aprendizagem atitudinal.

2.2 Atitudes na aprendizagem e na formação do aluno

O objetivo das escolas de ensinar e educar se cumpre pelas atividades pedagógicas relacionadas com diferentes visões críticas de como organizar o processo ensino aprendizagem. Mais ainda, de como o professor entende o significado das atitudes na aprendizagem do aluno, que em parte dependem das atitudes dos professores, de modo a se obter aprendizagens que sejam boas para a formação de ambos.

Nas escolas, o que chama atenção é como se tem trabalhado os componentes atitudinais junto aos alunos. Neste espaço educativo as atitudes podem ser expressas verbalmente ou de modo não verbal, podendo ocorrer em sala de aula, campo de estágio ou outros espaços de aprendizagem. Mediante as atitudes, os alunos e os professores mostram de algum jeito suas expectativas, seus desejos, valores, idéias e sentimentos.

A relação interpessoal entre professor e aluno está intrinsecamente ligada com a aprendizagem atitudinal. Muitas vezes o aluno espera muito do professor e o professor espera muito do aluno. Isso ocorre em todos os segmentos da aprendizagem.

Na esfera das aprendizagens afetivas e sociais, as atitudes possuem um grande número de concepções.

Atitudes são experiências subjetivas internalizadas, processos de consciência individual permeados pela realidade social. Elas envolvem juízo de valor para organizar crenças e possibilitar a compreensão de uma situação concreta, são transmitidas socialmente, percebidas e avaliadas.⁽¹⁵⁾

O conceito de atitude também pode ser o de “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido no meio circulante”.⁽¹⁶⁾

Atitude também é concebida como “o conjunto das crenças, sentimentos e tendências comportamentais dos sujeitos frente a um determinado objeto social”. As atitudes são elementos importantes na explicação do comportamento humano, pois determinam como os indivíduos tomam posições frente aos outros e aos acontecimentos, e é em função delas que se avaliam sentimentos, comportamentos e escolhas¹⁷. Pode ser caracterizada como “uma disposição pessoal comum aos indivíduos, mas provida em graus diferentes, a qual os impele a reagir a objetos, situações ou proposições em moldes que podem ser considerados favoráveis ou desfavoráveis”.⁽¹⁸⁾

A consistência atitudinal “depende do autocontrole, da autoestima e das relações interpessoais. A experiência de ser responsável pela escolha de uma atitude leva o sujeito a querer agir com coerência, para identificação com o grupo. Há uma tendência à consistência atitudinal, mas ela não é garantia de coerência em todas as situações enfrentadas pelo sujeito”.⁽¹⁵⁾

Pesquisa sobre conteúdos atitudinais nas bases de dados LILACS, MEDLINE, BDENF e SciELO, apresentou que os estudos sobre essa esfera da educação são raros, mesmo quando se refere ao ensino superior.⁽¹⁹⁾

Aprender atitudes é algo complexo. A formação profissional na enfermagem tem sido motivo de preocupação e tem-se evidenciado nos pronunciamentos de representantes dos órgãos de classe, em eventos e em publicações, além dos órgãos formadores, pois tem sido objeto de análise de professores e alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. Porém, ao pesquisarmos sobre a formação profissional nos deparamos com uma grande lacuna: o ensino técnico profissionalizante. ⁽²⁰⁾

Essa dificuldade mostra a necessidade de pesquisas nessa área, já que a educação em enfermagem, seja no ensino profissional técnico ou superior, tem passado por um momento de transição e adequação à nova realidade social.

Os conteúdos técnicos e procedimentais sempre foram o foco principal no ensino de enfermagem no Brasil. Com a mudança das demandas, que hoje pedem profissionais autônomos, críticos e reflexivos, conforme preconizam as Referências Curriculares Nacionais de Educação Profissional, é preciso que os conteúdos atitudinais sejam desenvolvidos¹⁹. Diante dessas premissas, percebemos que é indispensável nos dias de hoje que os profissionais desenvolvam sua capacidade emancipatória, adquirida por meio do desenvolvimento de habilidades cognitivas e afetivas. ⁽²¹⁾

Esses saberes não precisam, necessariamente, ser ensinados em momentos diferentes. Ao executar procedimentos técnicos, os profissionais estão se relacionando com os pacientes, familiares e profissionais de saúde. Suas ações profissionais estarão impregnadas de valores, percebidos por suas atitudes e pelo seu comportamento. Portanto, ao educar, o professor não está somente transmitindo ou transferindo conhecimentos ou somente se comunicando. Educar é, antes de tudo, estabelecer relações de ajuda que possibilitem o surgimento de novos hábitos de pensamento, sentimentos e ações. ⁽²²⁾

Percebe-se então, que o professor ao ensinar também cuida, e esse cuidar torna-se delicado quando se tem que integrar aprendizagem cognitiva

com muito conteúdo e ainda ensinar e valorizar aspectos atitudinais. Há dificuldades em desenvolver essa relação com os alunos, e isso pode ocorrer por diversos motivos, dentre eles, trabalhar com os limites e a falta de autoconhecimento.

É difícil olhar somente para uma única concepção sobre relação interpessoal ante a construção da aprendizagem atitudinal para o aluno. Cada ser humano é singular e tem suas histórias, expectativas, anseios e necessidades, que podem ir ao encontro de outras histórias e movimentos que nem sempre contribuem para um crescimento que atenda ambos os comunicantes. A atuação dos professores no processo de formação de profissionais da área da saúde é baseada em atitudes e valores. Esses precisam de tempo para constituir-se e consolidar-se, ou seja, eles precisam de um tempo de maturação.⁽²³⁾

Dentro desta concepção, cremos que os aprendizes devem estar conscientes dos seguintes aspectos: os fatores afetivos, as crenças e representações do conhecimento, a responsabilidade e a autonomia, a motivação para aprender e o conhecimento a respeito dos estilos pessoais de aprendizagem. Isso tem a ver com aprendizagem atitudinal, pois cada aluno tem seu modo de aprender e este se relaciona com o afetivo, e toda sua bagagem de vida.

Ao trabalhar com conteúdos atitudinais, os valores, as atitudes e as normas refletem na aprendizagem dos alunos.

Os *valores* têm a ver com *atitudes* éticas como solidariedade, liberdade, respeito, atitudes com as tendências ou predisposições envolvendo a cooperação, participação e ajuda e as normas com aquelas que estabelecem padrões ou regras de comportamento conforme grupo social em que a pessoa encontra-se inserida, incluindo análise dos fatores positivos e negativos, uma tomada de posição, um envolvimento afetivo e uma revisão e avaliação da própria atuação.⁽²⁴⁾

Ressalta-se que os alunos fazem parte de um mesmo grupo cultural com experiências semelhantes e também diferenciadas. O professor ao observá-los em situações de aprendizagem, e perceber suas posturas, gestos e atitudes, pode interpretar os sentimentos e identificar os significados compartilhados culturalmente pelo grupo.

A aprendizagem é gradativa e deve percorrer vários e diferentes caminhos, em diferentes tempos, com a intenção de dar o seu melhor para si e para o outro na relação interpessoal. Essa verdade está presente na vida do professor, quando busca estratégias que abarcam desde o autoconhecimento para si e para o aluno, no intuito de buscar qualidade nos relacionamentos pautados na realidade de cada um visando o bem coletivo. O professor pode melhorar a qualidade da formação do aluno, sendo que este tem o dever de ser o catalisador da mudança. O processo interativo, dinâmico e facilitador da aprendizagem pode possibilitar uma melhora no cuidado. A função do professor é caracterizada por ajudar os alunos a desenvolverem capacidades e atitudes, visando a qualidade dos cuidados.

(25, 26)

Com esses argumentos, este estudo versa acerca da aprendizagem atitudinal do aluno, seja em sala de aula ou em campo de estágio. Pressupondo que a relação interpessoal entre professor e aluno influencia na construção desta, neste estudo optou-se por trabalhar com os pressupostos de Vygotsky, ressaltando a questão do meio social, da construção do conhecimento e da afetividade que se encontram entrelaçadas com os aspectos atitudinais.

Vygotsky

3 APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DE VYGOTSKY

Lev S. Vygotsky (1896-1934) foi um teórico multidisciplinar, formou-se em direito e literatura e depois foi um estudioso profundo em medicina. Deu grande importância ao substrato material do desenvolvimento psicológico, especificamente o cérebro, tendo realizado estudo sobre lesões cerebrais, perturbações da linguagem e organizações de funções psicológicas em condições normais e patológicas. Seus estudos foram aprofundados por estudiosos da neuropsicologia. Assim, suas proposições contemplaram que o ser humano, como membro de uma espécie biológica, só se desenvolve no interior de um grupo cultural. ⁽²⁷⁾

Vygotsky em seus estudos dava ênfase à dimensão sócio-histórica e à interação do homem com o outro no espaço social. Enfatizava o processo histórico-social e a relação entre o pensamento, linguagem e desenvolvimento do indivíduo. Sua questão central foi à aquisição de conhecimentos pela relação do sujeito com o meio. Para ele o sujeito é interativo, pois adquire conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais e de troca com o meio. ⁽²⁸⁾

Ao longo de seu desenvolvimento o indivíduo internaliza formas culturalmente dadas de comportamento, num processo em que as atividades externas, funções interpessoais, transformam-se em atividades internas, intrapsicológicas. Essas operações de sistemas simbólicos são construídas de fora para dentro do indivíduo e são fundamentais para o desenvolvimento do funcionamento psicológico humano. ⁽²⁸⁾

Assim, todo conhecimento surge primeiro no grupo, para só depois ser interiorizado. “A interiorização é a reconstrução em nível interpsicológico de uma operação intrapsicológica, a partir das ações com signos”. ⁽²⁸⁾

Vygotsky acreditava que as características individuais e até mesmo suas atitudes individuais estão impregnadas de trocas com o coletivo, ou seja, mesmo o que tomamos por mais individual de um ser humano este foi construído a partir de sua relação com outros indivíduos.⁽²⁹⁾

Essa evolução acontece pela elaboração das informações recebidas do meio. Por isso a linguagem é muito importante para Vygotsky, pois é um instrumento de intermediação do conhecimento entre os seres humanos, e tem uma relação direta com o próprio desenvolvimento psicológico. Para ele a evolução intelectual é caracterizada por saltos qualitativos de um nível para outro, e a fim de explicar esse processo desenvolveu o conceito de Zona do Desenvolvimento Proximal – ZDP. É na ZDP que a interferência de outros indivíduos é mais transformadora.^(28, 30)

Vygotsky considerava a ZDP a distância entre o nível de desenvolvimento real, ou seja, determinado pela capacidade de resolver problemas independentemente, e o nível de desenvolvimento potencial, é demarcado pela capacidade de solucionar problemas com ajuda de um parceiro mais experiente. Para ele são as aprendizagens que ocorrem na ZDP que fazem com que o indivíduo se desenvolva ainda mais, o desenvolvimento com aprendizagem na ZDP leva a mais desenvolvimento, por isso dizemos que, para Vygotsky tais processos são indissociáveis.⁽³¹⁾

Portanto, devemos considerar não apenas o nível de desenvolvimento real do indivíduo, mas também seu nível de desenvolvimento potencial, isto é, sua capacidade de desempenhar tarefas com a ajuda de companheiros mais capazes.⁽²⁸⁾

A ZDP corresponde às funções que estão em maturação no indivíduo. O desenvolvimento real é determinado por aquilo que o indivíduo é capaz de fazer sozinho, porque já tem um conhecimento consolidado; ao passo que as atividades realizadas com ajuda dos outros apontam para o desenvolvimento mental que pode ser adquirido ou em processo, ou seja, que está próximo, mas não foi atingido. É possível prever o desenvolvimento

de uma pessoa ao observar a diferença entre o que ela faz e o que pode fazer. ^(30, 32, 33)

Para Vygotsky, a ênfase nos processos sócio-históricos, a ideia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo. O papel do professor, nesse contexto, é ajudar o aluno a desenvolver-se intelectualmente, pois enquanto aprende e se relaciona com outras pessoas, mais se desenvolve mentalmente e no âmbito das relações humanas.

A teoria de Vygotsky pode ser utilizada com eficácia para melhor compreender os fenômenos educativos. Ao educar nas bases do construtivismo sócio-histórico, o professor deve considerar que “o processo de ensino aprendizagem inclui sempre aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre essas pessoas”. ⁽³⁰⁾

Ao trabalhar com o referencial de Vygotsky, o professor dá atenção à relação professor aluno, promovendo os espaços sociais a fim de viabilizar a comunicação e facilitar o convívio em grupo e sociedade. Mas para isso necessita propiciar ambientes que promovam o convívio social entre os alunos (interpessoal), não perdendo de vista a relação consigo mesmo – interior do sujeito (intrapessoal), considerando ainda que aprendizagem se dê pelo processo de socialização e pela maturação orgânica e encontra-se dependente dos processos de internalização (interiorização) – que envolve transformação dos fenômenos sociais em fenômenos psicológicos.

Diante desses pressupostos, para o aluno vir a se motivar por algo, é preciso estimulá-lo a desenvolver o processo cognitivo e mental, para que possa mediar a sua participação nas relações sociais a fim de que ele possa compartilhar seus sentimentos e expectativas.

Os processos psicológicos do indivíduo, internalizados a partir de processos psicológicos, passam a mediar a atividade do sujeito no mundo, numa interação constante entre o psiquismo e as condições concretas da existência do homem. ⁽²⁸⁾

Nesse particular os pressupostos de Vygotsky contribuem para que a relação interpessoal professor aluno possa ir além da dimensão cognitiva, em direção à construção da aprendizagem que faça sentido para ele, pois ao trabalhar as atitudes estes podem rever seus.

Para isso a relação professor aluno deve ser priorizada, isso implica que em cada instituição prevaleça uma gestão que valorize essa relação em prol do crescimento de todos e principalmente dos alunos, para que possam se desenvolver em diferentes espaços de aprendizagem valorizando a interação com o meio em que constrói e aplicando seus conhecimentos.

O único bom ensino, afirma Vygotsky, é aquele que se adianta ao desenvolvimento. Os procedimentos regulares ocorrem na escola, como: demonstração, assistência, fornecimento de pistas, instruções são fundamentais na promoção do “bom ensino”.⁽²⁸⁾

Na perspectiva do aluno adulto, o aprendizado impulsiona o desenvolvimento, então a escola tem um papel essencial na construção do ser psicológico adulto dos indivíduos que vivem em sociedades escolarizadas. Mas o desempenho desse papel só se dará adequadamente quando, conhecendo o nível de desenvolvimento dos alunos, a escola dirigir o ensino não para etapas intelectuais já alcançadas, mas para estágios de desenvolvimento ainda não incorporados pelos mesmos, funcionando realmente como um motor de novas conquistas psicológicas. Para o aluno adulto que frequenta a escola, o aprendizado escolar é elemento central no seu desenvolvimento.⁽²⁸⁾

Neste contexto é importante que o professor trabalhe questões do comportamento atitudinal junto aos alunos, propiciando espaços de diálogos e reflexões acerca de ações individuais e coletivas que interferem no todo.

Nessa perspectiva o professor deve mobilizar discussões com os alunos mediante metodologias de interação social que os levam a rever seus conceitos e a aproximarem-se de outras compreensões, principalmente quando esta é elaborada em conjunto e compartilhada com os pares ou

outras pessoas, ampliando sua interação. Assim, é possível que o aluno trabalhe seus valores já modificados pelo ambiente social após interiorizá-los e internalizá-los.

Em cursos de ensino profissional técnico em enfermagem pouco se tem olhado para os problemas que emergem na esfera atitudinal na formação dos alunos. A partir deste estudo, pretendo contribuir com o ensino profissional técnico em enfermagem, levando subsídios aos professores para refletirem e trabalharem algumas questões concernentes às relações que se estabelecem entre professores e alunos. Como trabalhar as relações entre professor e aluno na perspectiva da aprendizagem atitudinal? Como os professores devem se preparar para enfrentarem os desafios advindos destas relações no processo ensino aprendizagem, contribuindo assim, para a melhoria.

Considerando ainda, que há necessidade de questionar de que forma se tem valorizado o processo ensino aprendizagem, tendo como norte a construção do conhecimento, abarcando crenças e valores que permeiam a esfera atitudinal e relacional.

Objetivo

4 OBJETIVO

Analisar a percepção dos professores acerca da relação interpessoal professor aluno no ensino profissional técnico em enfermagem.

Procedimientos Metodológicos

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo exploratório e descritivo com abordagem qualitativa tendo como referencial teórico educacional os pressupostos de Vygotsky.

Na pesquisa descritiva, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles. Isto significa que os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não são manipulados pelo pesquisador.⁽³⁴⁾

A abordagem qualitativa permite a “incorporação da questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais”. A pesquisa social leva à reflexões frente a realidades e interesses de classes e grupos. Sendo assim, não pode ser definida de forma estática, visto que a realidade envolve as mais diferentes áreas de conhecimento.⁽³⁵⁾

5.1 Caracterização do Estudo

Esse estudo foi realizado em uma escola de ensino profissional técnico em enfermagem localizada no município de São Paulo.

Este curso encontra-se articulado com o Programa de Formação de Profissionais de Nível Técnico para a Área de Saúde no Estado de São Paulo - TecSaúde. É oferecido aos profissionais com formação de auxiliar de enfermagem que desejam ser técnico com formação reconhecida. Trata-se de um programa desenvolvido pelo Governo do Estado de São Paulo com a

participação das Secretarias da Saúde, Desenvolvimento, Gestão Pública e Educação.

A Educação Profissional, segundo o artigo 39 das Leis de Diretrizes e Bases Lei nº. 9394 de 20 de dezembro de 1996³⁶ e o decreto 5.154, de 23 de julho de 2004³⁷, é estruturada por meio de cursos, programas de formação inicial de trabalhadores, educação profissional técnica de nível médio e educação tecnológica, de graduação e de pós-graduação.

5.2 Participantes do estudo

Os sujeitos da pesquisa foram oito enfermeiros professores do ensino profissional técnico em enfermagem. Características dos sujeitos:

- Sexo: feminino.
- Idade: entre vinte e dois e quarenta e oito anos.
- Tempo de formação: entre um a seis anos.
- Experiência como enfermeiras assistenciais: seis professoras.
- Licenciatura em enfermagem: seis professoras.
- O tempo de atuação como professoras no ensino profissional técnico em enfermagem: de um a quatro anos.
- Atuação na escola de ensino profissional técnico em enfermagem:
 - Cinco supervisionam estágio;
 - Duas ministram aulas teóricas e;
 - Uma atua tanto na teoria quanto na prática.

5.3 Procedimentos para a coleta de dados

Com intuito de alcançar os objetivos da pesquisa, a técnica escolhida para a coleta de dados foi o Grupo Focal.

O grupo focal caracteriza-se por um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir ou comentar um tema, que é objeto da pesquisa, a partir de sua experiência pessoal. ⁽³⁸⁾

O grupo focal tem por objetivo captar, a partir das trocas realizadas pelo grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações. Um instrumento caracterizado como uma técnica empregada (reunião de grupo por meio de várias modalidades de integração). ⁽³⁸⁾

Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa foi feito contato com a Coordenadora do Curso Profissional Técnico Profissionalizante da escola onde foi realizada a coleta de dados. O projeto foi apresentado à coordenadora, incluindo condições de local, disponibilidade e tempo previsto para o grupo participar do estudo.

A seguir, foi agendada junto à coordenação, uma data para a apresentação do projeto aos professores. O convite foi feito aos professores que se interessaram em participar da pesquisa e após o aceite foi feito, em momentos distintos e respeitando os horários de suas atividades na escola, o levantamento de sua disponibilidade, como data e horário.

Após chegar a um consenso com todos os professores, foi solicitada a reserva de sala para realização do grupo focal, onde garantisse a privacidade dos participantes.

A coleta de dados foi iniciada com o preenchimento de um instrumento de identificação do professor (Anexo 1).

Antes de iniciar o grupo focal os professores foram informados e esclarecidos sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo 2) e que a conversa seria gravada. Durante o grupo focal as falas foram registradas em gravação de áudio, bem como foram feitas algumas anotações pela autora do estudo. Esse momento teve duração de 100 minutos, e as falas foram transcritas na íntegra, respeitando os preceitos éticos.

Para alcance do objetivo do estudo foi colocado ao grupo focal a questão norteadora:

Digam-me como vocês percebem a influência da relação interpessoal entre professor e aluno no desenvolvimento da aprendizagem atitudinal do aluno no ensino profissional técnico em enfermagem.

O grupo focal foi muito rico pois caracterizou-se como um espaço de oportunidade ao grupo de professores para pensar em sua prática educativa, focando aspectos concernentes às relações que tangem a relação interpessoal entre professor e aluno.

5.4 Aspectos Éticos da Pesquisa

Este projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da USP – Processo nº. 1013/2011/CEP-EEUSP (Anexo 3) O estudo respeitou os aspectos ético-legais da Resolução n.º 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. ⁽³⁹⁾

O TCLE elaborado para este estudo seguiu as normas segundo a Resolução 196/96, abrangendo informações sobre os objetivos, forma da coleta de dado, participação voluntária na pesquisa, garantia do anonimato das informações e a liberdade para o participante da pesquisa deixar o estudo em qualquer momento. Esclarecendo que ficará com uma via do

documento contendo telefone da pesquisadora responsável e e-mail do Comitê de Ética em Pesquisa para esclarecimentos de questões éticas.⁽³⁹⁾

À coordenação da Escola junto aos professores será apresentado o resultados deste estudo.

5.5 *Análise dos dados*

Para a das falas dos sujeitos, os dados foram analisados conforme a técnica de análise de conteúdo preconizada por Bardin⁽⁴⁰⁾. Para a autora a análise de conteúdo consiste em:

um conjunto de técnicas das comunicações que, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, visa tornar evidentes indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens.⁽⁴⁰⁾

Como preconizado, a análise de conteúdo foi realizada sob três fases: pré-análise, exploração do material e interpretação dos conteúdos.

1. **Pré-análise:** é a fase inicial da organização e operacionalização das primeiras ideias, que tem por objetivo sistematizá-las de modo a conduzir o desenvolvimento das operações sucessivas em um plano de análise. Constituída de quatro passos:
 - a. Por meio da leitura “flutuante” das falas dos enfermeiros professores foi possível descobrir os núcleos de sentido e a frequência de aparição, conhecer o texto e identificar os aspectos envolvidos;
 - b. Após releituras, foi destacado um conjunto de elementos dentro dos documentos analisados e respeitadas as regras da exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência.

- c. A seguir obteve-se a formulação das hipóteses e a relação com o objetivo. A hipótese é uma afirmação provisória que nos propomos verificar, recorrendo aos procedimentos de análise.
 - d. A partir desse passo foi realizada a elaboração das categorias e codificação das falas. Foram classificadas por diferenciação e, seguidamente, reagrupadas. Estas categorias foram organizadas e codificadas, ou seja, foram realizados recortes, agregações e enumerações nos dados brutos, permitindo atingir uma representação do conteúdo ou de sua expressão, suscetível de esclarecer as características do texto.
2. **A exploração do material** ou descrição analítica consistiu essencialmente da codificação em função de regras previamente formuladas. Trata-se da etapa em que ocorre a transformação dos dados em unidades que possibilitem a descrição dos conteúdos. Considerando a exclusão mútua, homogeneidade, pertinência e objetividade.
 3. **Na interpretação dos conteúdos**, foram realizadas a análise do conteúdo e a discussão das categorias, correlacionando os temas com o referencial teórico existente sobre o assunto.

Das categorias resultantes da análise, obteve-se resultados significativos, que responderam ao objetivo proposto no estudo.

As categorias encontradas no estudo foram:

- Relacionamento interpessoal Professor Aluno
- Atitudes de Professores e Alunos
- Perfis de Professores e Alunos
- Compromisso com Aprendizagem

A busca bibliográfica foi feita nas seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciência e Saúde (LILACS), Scientific

Electronic Library Online (SCIELO) e Base de Dados de Enfermagem (BDENF), por serem bases de dados amplas, com riqueza nos conteúdos e apresentarem elevado rigor científico dos estudos. Também foram consultados livros que trouxeram o suporte necessário para o uso do referencial teórico escolhido na análise dos dados.

Resultados e Discussão

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os depoimentos encontrados neste estudo estão apresentados a partir da categoria Relacionamento Interpessoais entre Professor e Aluno. Desta, emergiram questões instigantes e relevantes que propõem novas reflexões e modos práticos para rever posições relativas às dimensões sociais e pedagógicas no âmbito do ensino profissional técnico em enfermagem.

O ambiente escolar nessa modalidade de formação traz componentes importantes para repensar à dinâmica das práticas pedagógicas inseridas num contexto de um novo modo de olhar o aluno, ante a complexidade da construção de saberes inerentes ao conhecimento teórico e técnico.

Diante desses pressupostos o relacionamento interpessoal aproxima-se de algumas preocupações associadas a olhares críticos de professores, englobando atitudes e perfis de alunos e comportamentos que devem de certo modo sustentar o conhecer e o fazer, com foco no compromisso social e profissional do técnico de enfermagem.

As categorias relativas a este estudo são:

Relacionamento Interpessoal Professor Aluno

A categoria acerca do relacionamento Interpessoal entre professor e aluno, revelou o quanto o processo vinculado à postura e a comunicação precisa ser melhor discutido e trabalhado entre os professores. Desta emergiram questões que levarão tanto os professores como os alunos a repensar o que significa o espaço de ensino e aprendizagem.

Segundo Vygotsky, as interações sociais desempenham um importante papel na construção do conhecimento e que é inicialmente construído a um nível interpessoal, antes de passar para um nível intrapessoal.⁽³¹⁾

Alguns depoimentos chamaram atenção pelo olhar direcionado ao reconhecimento do trabalho do professor a partir do aluno.

“O que percebo, principalmente em campo de estágio, é que o aluno é o reflexo do professor. Então, você percebe que se é um professor mais interativo, mais dinâmico e que vai procurar coisas para fazer, os alunos a toda hora estão realizando atividades [...]. Aliás, acho isso muito interessante, porque realmente demonstra que os alunos estão mesmo “seguindo o professor”. Você olha o professor e vê os alunos, e também parece que estes se espelham uns nos outros.”

“[...] às vezes, também depende do próprio professor, porque nós somos um líder e a função do líder é motivar. Então, nessa questão do relacionamento interpessoal cabe a nós como líderes indagar “como nós estamos motivando os nossos alunos”? ”[...] se você vai desmotivado para o estágio e de cara feia, o aluno vai te dar esse feedback. Agora, se nós (professores) somos super ativos e estimulamos os alunos [...] a gente troca informações e assim estreita a relação [...]”.

No início de cada estágio parece ser normal os alunos se sentirem estranhos no campo. Quando a relação com o professor é de respeito e confiança, estes se aproximam do mesmo e começam a interagir melhor com o meio, todo esse movimento faz parte do processo de aprendizagem. Preparando o aluno para atuar junto ao paciente minimizando o medo para desenvolver atividades inerentes ao processo do cuidar. Diante disso, ao se perceberem mais situados no campo podem tomar os professores como exemplo. Os professores devem ter ciência que suas posturas poderão ser reproduzidas pelos alunos quando estes se tornarem profissionais.

Nessas falas, os professores mostram que tem a percepção de que suas atitudes irão influenciar o comportamento e as atitudes dos alunos e reconhecem a responsabilidade que isso traz. Ao encararem o papel de “espelho” ou “líder”, os professores vão além da transmissão de conhecimento técnico, mas assumem a responsabilidade de formar cidadãos.

Vygotsky preconiza o caráter mediado nas relações interpessoais, o qual consiste na capacidade do ser humano em transformar o meio social no qual está inserido, mantendo com o todo uma relação dialética, onde também se transformará, pois se encontra numa interação recíproca e constante. ⁽⁴¹⁾

Os alunos, por sua vez, ao chegarem a um ambiente novo, onde não conhecem as regras de comportamento, tendem a seguir o exemplo da figura de referência, que no caso, é o professor. Para que o aluno tenha essa ligação é preciso que a relação com o professor seja de respeito e confiança, fazendo com que eles acreditem nas ações dos professores, pois “a relação educativa abarca a relação interpessoal, e pode indicar novos comportamentos a serem desenvolvidos no processo de aprendizagem do aluno”. ⁽⁸⁾

Contudo, não podemos confiar que o comportamento e as atitudes dos alunos estarão vinculados à influência dos professores, porque para que uma relação interpessoal seja estabelecida é preciso que haja o envolvimento de, no mínimo, duas partes. Portanto, nem toda ação refere-se à novos comportamentos dos alunos

“A relação depende do aluno. Se ele vem com o objetivo de ter uma profissão, de crescer como pessoa e profissionalmente, a relação entre professor e aluno vai influenciar sim na questão do comportamento [...] vai se espelhar e procurar ser como o professor.”

Para que o relacionamento interpessoal faça sentido na aprendizagem do aluno, este precisa estar comprometido com sua formação. O professor precisa reconhecer quando não há esse interesse por parte dos alunos e intervir pedagogicamente, mostrando aos alunos que os saberes que necessitarão aprender para se tornarem profissional da enfermagem, deverá ser construído em parceria com o professor, colocando em suas mãos sua parcela de responsabilidade na formação.

A ideia do construtivismo é sustentada no fato de que o indivíduo não é mero produto do ambiente, nem resultado de suas disposições internas. Ele na verdade se constrói dia-a-dia como resultado da interação entre o ambiente e suas disposições internas. Assim, o conhecimento é sinônimo de construção do ser humano.⁽⁴¹⁾

Essa nova realidade pode assustar o aluno ao entrar em um novo espaço de formação, fazendo com que muitas vezes eles sintam medo. Esse medo está presente porque o aluno sabe que cuidará de pacientes com doenças de diversas naturezas. A resposta do aluno diante de situações de saúde/doença tem por base sua biografia e a personalidade, demonstrando também que o tipo de relação que os alunos estabelecem com os professores e profissionais é fundamental para enfrentar o medo e a angústia, melhorando sua segurança, auto-estima e autoconceito, aspectos fundamentais para quem tem que estabelecer relação de ajuda.⁽⁸⁾

“O aluno fica com aquele medo de errar, de ser corrigido, de ser reprovado. Então ele chega como uma caixinha fechada. Percebi bastante isso, então quando eu estou com um grupo de auxiliar converso antes com eles. Às vezes, dependendo do procedimento, realizo antes, para quebrar um pouco daquele gelo, para eles perderem o medo e falar “isso não é um bicho de sete cabeças igual vocês estão pensando, mas tem que fazer, é bom fazer”, assim eles vão perdendo aquele medo [...]”.

“[...] às vezes, o aluno chega com medo, mas você consegue passar segurança para ele por meio de um bom relacionamento [...] A partir do momento que você passa segurança, confiança e tem um bom relacionamento, no final ele vai até te agradecer muito pelo que ele está aprendendo com você.”

Esse trecho mostra a necessidade que o professor demonstra de ter o reconhecimento dos alunos pelo trabalho cuidadoso que desenvolve, como se o relacionamento e a confiança fossem um algo mais que ele está oferecendo além de suas atribuições como professor.

A teoria vygotskiana está pautada no esforço em considerar o ser humano em sua totalidade, sujeito ao contexto no qual está inserido. O desenvolvimento humano está associado à aprendizagem e as relações sociais, ou seja, convivendo com outras pessoas torna-se possível elaborar cultura e fazer história.⁽⁴¹⁾

A relação entre sujeito e sociedade é indissociável, e está diretamente relacionado ao processo de trabalho, favorecendo a associação entre pensamento e linguagem, pela necessidade de interação entre as pessoas.⁽⁴¹⁾

Nesse contexto, o professor deve se aproximar dos alunos, demonstrando que está presente não apenas como avaliador, mas também como aquele que o apoia em suas atividades, oferecendo meios para que tenha segurança na execução de suas tarefas, pois a formação de vínculos nas relações interpessoais contribui para a diminuição do estresse causado por novas experiências, controle da ansiedade e para a construção da identidade profissional para que o aluno se reconheça como parte de um grupo.⁽⁴²⁾

Diante disso e sabendo que para que uma pessoa possa supervisionar é preciso que conheça os elementos que fazem parte do processo; compreenda os alunos nas suas diversas fases de desenvolvimento, nas tarefas que realiza e no clima afetivo onde se relaciona. Assim, o professor poderá dar suporte ao aluno no desenvolvimento de suas habilidades.⁽⁴³⁾

“... No relacionamento professor e aluno, a gente sempre tem que ter consciência e paciência, porque as dúvidas e as dificuldades vão surgir. A gente sempre tem que estar ali, tentando achar o caminho mais fácil para eles aprenderem [...]”.

A adequação do conteúdo as necessidades individuais de cada aluno, ou grupo de alunos é, por vezes, uma tarefa árdua para os professores de ensino técnico profissional em enfermagem. As turmas são formadas por pessoas com características muito diferentes, que estão muitas vezes, em momentos diferentes. Para isso “o professor deve facilitar as relações interpessoais dirigidas ao próprio conhecimento e ao trabalho dos alunos com seus pares e com o próprio educador”. ⁽⁸⁾

O professor ao valorizar a humanização das relações interpessoais, facilita o crescimento intelectual e emocional dos alunos, pois, aciona habilidades para o estabelecimento de relações construtivas, obtendo a compreensão, ajudando quem precisa. ⁽⁴⁴⁾

Essa ideia de humanização das relações interpessoais vem crescendo muito no âmbito educacional, afinal, com o surgimento do conceito de atendimento humanizado nas instituições de saúde, fez-se necessário o preparo dos profissionais para trabalhar atendendo essa nova exigência.

“Então, eu acho que nós como professores, somos responsáveis por tentar “cativar” cada aluno. Cada um de uma maneira para alcançar uma meta, mas, às vezes é difícil, é complicado [...] bem, nem Jesus agradou a todos, né?”.

O professor pode se sentir responsável quando não consegue alcançar os alunos. Esse esforço, por si só, mostra que ele sabe que essa aproximação com o intuito de transmitir segurança e confiança para os alunos é parte fundamental no processo ensino-aprendizagem. A

aprendizagem acontece por um processo cognitivo imbuído de motivação, afetividade e relação, num cenário onde, professores e alunos se conhecem e se relacionam, podendo formar um grupo de ajuda mútua e crescimento cognitivo, emocional e atitudinal. ⁽⁸⁾

Segundo Vygotsky a construção do sujeito como um ser social e o conhecimento como produto social é essencial para que processos como comunicação, linguagem e raciocínio sejam adquiridos para depois serem internalizados. ⁽⁴⁵⁾

O professor, apesar de se mostrar conformado, mostra em seu discurso que a falha em se aproximar de alguns alunos deixa a sensação de ineficiência em alcançar seus próprios objetivos como educador. Observar o crescimento e desenvolvimento do aluno faz parte da recompensa dos professores.

“Aquele aluno que ficava quietinho, que você passa e ele vai se encolhendo, daqui a pouco ele está se sobressaindo e ele mesmo está falando com você.”

Nessa fala, essa satisfação em alcançar os alunos fica mais evidente, mostrando que assim o professor parece sentir que sua intervenção e seus esforços fizeram diferença, portanto, fazem mais sentido diante de todas as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia de convívio com os alunos.

A forma como o professor se aproxima e se relaciona com os alunos pode “transformar positiva ou negativamente os contextos, quer eles sejam educativos, familiares e outros”⁸. Essa relação “existente entre professor e aluno é algo complexo, que envolve a linguagem falada, a linguagem corporal e a linguagem gestual”⁸. Essas ferramentas são normalmente baseadas no censo comum. Na tentativa de alcançar os alunos de forma a facilitar a aprendizagem, o professor acaba criando laços afetivos e

emocionais com seus alunos, voltados principalmente aos que parecem mais fragilizados, que parecem necessitar mais de ajuda.

“[...] é o contato com o olhar. Você saber olhar cada um e o que ele quer te dizer com o olhar. Às vezes, a gente está na sala de aula com quarenta alunos e sempre tem aquele que não quer te perguntar, tem vergonha, tem medo de errar, medo de estar falando besteira, aí você chega e fala assim ‘e aí, alguma dúvida?’ O aluno acaba falando baixinho com você, ele interage com você, vai se soltando e você vê o crescimento dele. O crescimento do aprendizado emocional dele é enorme.”

A linguagem não verbal também é muito importante no relacionamento interpessoal professor aluno. Nela pode-se perceber o que muitas vezes o outro tenta disfarçar, ou até mesmo esconder. Muitos problemas relacionais podem ser escondidos por conveniência, tanto pelo professor quanto pelos alunos, mas se o olhar for mais cuidadoso, ambos podem perceber a existência desses problemas, cabendo à personalidade, à maturidade ou à importância que essa informação tem para a vida desse sujeito, o que será feito com essa verdade.

O reconhecimento da existência de um modo não-verbal, que se expressa por meio do corpo e do movimento do ser humano, ao lado do verbal, é de grande valor para profissionais que interagem com pessoas diariamente. A comunicação entre professor e aluno torna-se a base do processo de ensino e sofre influências da vida de cada um. É importante que o professor valorize o diálogo e a relação interpessoal, crendo que é possível aprender conversando, discutindo e trocando ideias com seus alunos. ^(46, 47)

Alguns professores em alguns momentos têm dificuldade em reconhecer esses valores citados nas falas. Os fatores sociais são fundamentais na aprendizagem, mas alguns professores têm dificuldade em

reconhecer a importância que estes assumem no relacionamento entre professores e alunos.⁽⁸⁾

De certa forma eles precisam se sentir no controle do processo. Quando isso não acontece a estranheza é enorme. O professor espera que os alunos mais que confiem nele, ele espera que eles o sigam sem questionar, sem refutar suas ordens.

“Na enfermagem, querendo ou não, tem uma hierarquia... Às vezes você se depara com algumas situações em que você tem que ser mais enérgica, porque cada um sabe o que tem que fazer e, às vezes, os alunos não tem essa facilidade para poder aceitar a ordem que você pede. Tudo bem, a gente vai solicitando e não impondo.”

Isso mostra que a educação tradicional ainda está arraigada no íntimo dos professores também do curso profissional técnico em enfermagem. É preciso que na formação dos professores exista uma ênfase nas relações interpessoais e no crescimento pessoal que delas resultam, redimensionando valores, conceitos e papéis sociais, modificando a característica das relações professor/aluno que altera a qualidade do processo ensino-aprendizagem.⁽⁴⁸⁾

Na perspectiva vygotskiana, para se construir uma ordem social justa, é preciso romper com o modelo vigente de verdades estanques e práticas rotineiras. A ruptura dessa realidade é possível com o uso de estratégias de mudanças. É possível encontrar meios para medir o valor do trabalho na enfermagem através da dimensão da subjetividade, de questões que evoluem para diferenças de julgamento, valores e percepções.⁽⁴⁹⁾

“Eu acho que o professor tem muita influência no aprendizado do aluno. Quando o aluno e o professor, por algum motivo, tem algum atrito, mesmo que não seja explícito isso já bloqueia o aluno, em relação ao professor e à disciplina que está cursando.”

Como já mencionado anteriormente, muitas vezes esses ‘atritos’ são causados por mal entendidos, problemas pessoais, emocionais ou sociais, que acabam prejudicando o relacionamento entre os professores e alunos. Isso pode fazer com que os problemas se intensifiquem, pois para que as pessoas se conheçam “suficientemente bem, de forma que seja possível enfrentar os problemas que surgem de forma cooperativa”, elas precisam estabelecer um relacionamento interpessoal satisfatório. ⁽⁵⁰⁾

Assim, a aproximação entre professores e alunos deve ser estimulada também em alguns espaços voltados para mediar a aprendizagem dos alunos sustentada por princípios e valores, onde “o relacionamento entre professor e aluno contribui sempre de forma decisiva para o processo ensino-aprendizagem e para o desenvolvimento interpessoal entre eles”. ⁽⁸⁾

Nesse cenário, “o papel do docente é o de facilitador, e o contato entre ele e os alunos deve ser estimulado, formando vínculos quando os alunos iniciam sua formação profissional na área de saúde”. ⁽⁵¹⁾

Porém, esta não é a realidade da maioria das instituições de ensino profissional técnico em enfermagem. Começando pelo tempo real do curso e a quantidade de disciplinas que devem ser administradas nesse curto período de tempo. Mesmo quando o professor de teoria acompanha a mesma turma até o final, ministrando todo o conteúdo, o estágio tende a ser supervisionado por outros profissionais. Essa ruptura durante o estágio pode ser muito difícil para os alunos, pois este é o momento de mais ansiedade e medo. O campo de estágio é o local onde eles realmente serão colocados à prova, diante de pacientes e profissionais reais. Nesse contexto, a confiança emocional na figura de alguém mais experiente poderia ser uma facilitadora no desenrolar deste processo.

“O estágio é bom, mas os alunos se chocam com a questão do relacionamento. Porque cada mês ou semana eles estão num

campo diferente com um professor diferente, e vão lidar com vários professores, com diferentes comportamentos. Para alguns alunos isso não é bom, porque eles têm que se adaptar com outro professor.”

“[...] não é o mesmo professor da teoria que o acompanha na prática. Não sei até que ponto isso é positivo ou negativo porque, se os alunos não se relacionam bem com um professor, como eles vão até o final com aquele mesmo professor? Ai eles encontram certa dificuldade. Eles não entendem que cada um tem um comportamento e um modo de ensinar.”

“Você sabe como a gente mede um relacionamento interpessoal com o aluno? Quando o professor entra para substituir outro (professor). Nossa! Aí a gente vê estrelinhas na sala! Porque tem aluno que não aceita mudanças. Se o aluno acha que o professor é muito bom, então o professor que substitui tem que ser melhor que aquele que saiu. Até você conseguir conquistar a amizade de todos os alunos para começar ter um relacionamento com todos [...]”

“Às vezes, você vai com os alunos para o primeiro estágio deles e antes de começar o outro estágio, vem um aluno e fala assim ‘ô professora, a senhora pode seguir a gente no outro estágio? Ah, mas seria tão bom se a senhora fosse com a gente para todos os estágios’ [...] a gente tem sempre que estar falando para eles ‘não, porque você tem que conhecer outros professores, outros profissionais, porque quando você for procurar um emprego, não vai ficar sempre com aqueles amigos’ [...] então, você tem que aprender a se relacionar com outros profissionais, bem como com outros professores.”

Essas falas concordam que a maior dificuldade apontada por alunos de nível técnico na área de enfermagem refere-se ao relacionamento e à comunicação, evidenciando a relevância desses itens para o exercício profissional. ⁽⁴²⁾

Percebe-se então que os alunos conseguem identificar a importância do relacionamento interpessoal para sua futura vida profissional. Sendo assim, os professores podem utilizar o estágio como ambiente onde essas relações começam a tomar forma na realidade dos alunos

Para isso, as próprias situações vivenciadas no cuidado ao paciente são problematizadas e ressignificadas na medida em que

as atitudes de respeito, empatia, compromisso, escuta e reflexão sobre a própria ação são consideradas no ato educativo. [...] As atitudes do docente como facilitador do processo de aprendizagem expressam-se pela busca de maior aproximação com o aluno, pela conversa aberta, pelo próprio exemplo de vida profissional e pelas oportunidades criadas que possibilitam ao aluno expressar suas dúvidas e os seus sentimentos.⁽¹⁹⁾

Diante disso, cabe aos professores mostrar aos alunos a importância do autoconhecimento, do relacionamento interpessoal e da comunicação. Para o cuidado em enfermagem é necessária a auto avaliação e o reconhecimento dos anseios dos outros, enfatizando que estes dois aspectos caminham inseparavelmente.⁽⁵²⁾

Assim, o construtivismo sócio-histórico é uma teoria que vem ganhando espaço no campo social, pois está pautado numa abordagem humanista, com estímulo à criatividade, ao respeito e à individualidade, durante o planejamento e execução de qualquer atividade.⁽⁴²⁾

“Cabe muito ao professor, sim, fazer uma avaliação diagnóstica logo que ele entra em contato com os alunos, inclusive no estágio, mesmo que o tempo seja curto, para saber com que perfil irá trabalhar. O que cada aluno está trazendo, porque o que ele traz de casa, da escola e da teoria, também é importante. É importante ele (o aluno) poder falar e a gente poder conhecer a necessidade de cada um [...]”.

“[...] procuro trabalhar de forma diferenciada, com cada aluno em específico. Aquele aluno que eu sei que ele vai fazer tudo direitinho, o deixo mais tranquilo. Agora, o outro que eu percebo que não quer nada com nada e que está cheio de malandragem, aí tenho que ser diferente com esse aluno [...] tento conversar mais e saber por que ele está demonstrando total falta de interesse [...] acho que no estágio é mais fácil de trabalhar isso do que na sala de aula, pois na sala de aula são quarenta alunos [...]. Tudo depende do aluno, da turma que você está trabalhando e de como eles vão reagir diante das situações.”

Esses espaços podem se caracterizar como locais facilitadores para o professor melhor conhecer seus alunos. Isso também traz ao professor a responsabilidade de rever algumas das ações estratégicas que utiliza nos estágios para ampliar o comprometimento do aluno com a construção de sua aprendizagem no campo da prática.

Essa intenção de se aproximar do aluno, de interagir com todos e procurar descobrir suas fragilidades e problemas, com o intuito de contribuir para o crescimento pessoal desses indivíduos, evidencia o compromisso que esse professor assume diante de seu papel.

A posição que o professor deve assumir na relação com o aluno durante o desenvolvimento da aprendizagem, deve ser fundamentada no respeito à pessoa, na confiança, no reconhecimento do aluno como ser integral, para que esse possa se perceber melhor como indivíduo integrante de um meio social, passando então a perceber melhor seus pares, e conseqüentemente, exercendo melhor seu papel como pessoa e profissional.⁽⁴⁷⁾

“Muitas vezes eu estou em campo de estágio e tem funcionário que já foi meu aluno há três anos, e lembra de mim, como eu também lembro dele. Estão trabalhando no hospital onde eu estou fazendo estágio com uma outra turma. Eles têm o prazer de me cumprimentar na frente dos alunos e dizer assim ‘essa foi minha professora, aproveita bem dela’, [...] em geral, como pessoa e como profissional eles me respeitam e temos um bom relacionamento.”

“Se o professor se mantém firme em sua postura [...] Então, nesse momento tem muita gente que desperta. O aluno fala ‘ah, agora deixa eu acordar porque vai ser diferente. Deixa eu mudar minha postura e estudar mais...’[...] ‘olha, eu quero pedir desculpas por aquele dia que eu gritei com você, chorei... Eu queria agradecer a forma que você reagiu comigo porque isso fez eu enxergar, me fez refletir e eu mudei. Hoje eu me sinto uma pessoa bem melhor que aquela de antes’.[...] Quando o professor sabe lidar com o aluno, se relacionar frente a algumas questões difíceis de se resolver, isso interfere no relacionamento.”

Esses discursos mostram o valor que o respeito dos alunos tem para os professores. O caminho percorrido para alcançar esse objetivo muitas vezes é confuso e difícil, exigindo o empenho e a empatia de todos os envolvidos, afinal, para os alunos, chegar a respeitar o professor também é uma conquista. Eles precisam se sentir respeitados e aceitos.

Em estudo realizado por Casate e Correa, “alunos referem que se sentem acolhidos pelo professor quando podem expor seus sentimentos em relação a situações difíceis [...] assim, o professor [...] expõe também alguns de seus limites”.⁽⁵³⁾

É importante perceber que o dialogo que se estabelece entre aluno e professor espera-se que seja significativo e relevante com acolhimento, independente da complexidade da situação; nessa condição sempre o aluno e o professor aprendem.

No Relacionamento Interpessoal Professor Aluno, os depoimentos mostraram que há necessidade de repensar acerca de como conceber tanto na teoria como na prática, questões do como se relacionar não perdendo como alvo à formação do aluno. Considerando a construção de habilidades que não se fecham no conhecer e fazer, em que há responsabilidade da Escola em possibilitar condições para que o professor e o aluno possam juntos aprender a conviver nas relações por meio de atitudes que sejam satisfatórias em nível pessoal, social e profissional.

Atitude do Professor e Aluno

Atualmente se espera que o aluno seja uma pessoa ativa em seu processo de aprendizagem e que colabore com seus pares. Por outro lado o professor deve estar preparado para perceber quais as atitudes do aluno que o ajudam em seu processo de crescimento. Lembrando que estas

também interferem no processo de aprendizagem de todos aqueles envolvidos no contexto.

Nas Escolas é muito complexo se ter um processo de aprendizagem que trabalhe com metodologias ativas, orientando o aluno a organizar seu espaço de aprendizagem, a partir de atitudes que o fortaleça em suas ações como sujeito ativo.

Nesse particular também se faz necessário que o aluno tenha espaço para refletir e maturar suas ações aceitando as mudanças e indagando acerca de seus avanços na aprendizagem cognitiva e social.

Para Vygotsky, a sociedade está em constante movimento, e cada pessoa é um ser dinâmico, em contínua interação com o mundo cultural e o mundo subjetivo.

Assim, “docentes experientes buscam perceber de forma especializada os estados emocionais dos alunos e, a partir desta observação, tomar alguma atitude que permita impactar positivamente no aprendizado”.⁽⁵⁴⁾

“[...] tem alunos que falam mais e tem alunos que agem mais. Então, o professor, depois de uns dois ou três dias com eles no estágio, começa a conhecer mais os alunos que tem capacidade para um desenvolvimento maior.”

“... Já tive várias turmas com alunos que cursam o técnico e acho assim, que vai muito do aluno, porque teve grupos que tinha que ‘forçar’ pra poder realizar os procedimentos, e já tive grupo que não, que falava ‘a gente vai assumir isso e isso’, e já dava as coordenadas. Tinham iniciativa de fazer os procedimentos, se preocupando em fazer tudo correto [...] deixando a equipe satisfeita com o comportamento [...] Então, de uma turma para outra, às vezes tem essa mudança, mas vai de cada aluno, de cada grupo.”

“Acompanhei a mesma turma em sala de aula e no campo de estágio. Mudou totalmente o comportamento deles. Na sala de aula os alunos levam o estudo um pouquinho na brincadeira [...] No estágio quanto mais a gente procura ensinar, mais eles perguntam e tentam descobrir o novo [...].”

Isso mostra que as atitudes dos professores diante dos seus alunos influencia no aprendizado atitudinal do futuro profissional e em como esse aprende a se relacionar no ambiente de trabalho, transportando isso para a vida pessoal. Isso é importante porque as atitudes determinam como os indivíduos se posicionam frente aos outros e aos acontecimentos, e é em função delas que se avaliam sentimentos, comportamentos e escolhas.⁽⁵⁵⁾

Na perspectiva dos alunos, as atitudes do professor são observadas com o intuito de avaliar se são adequadas ao meio social onde os sujeitos estão inseridos. Essas ações podem ser direcionadas para os alunos, os pacientes, a equipe multiprofissional (quando em campo de estágio) e com seus pares.

No decorrer dessa avaliação, o professor, ao reconhecer o futuro profissional como pessoa possibilita que este tenha oportunidade para reconhecer a si mesmo como instrumento básico no cuidado, facilitando o estabelecimento de relações mais humanizadas consigo mesmo e com os outros.⁽⁴⁴⁾

Essa empatia poderá refletir na vida do aluno, fazendo com que este perceba a relevância e o impacto que essa atitude pode ter na construção de um ambiente onde a relação interpessoal deve ser considerada como instrumento de trabalho.

“[...] às vezes, o professor se sente incomodado em responder a questão para o aluno, porque ele não faz isso, ele não se põe no lugar do aluno.”

“Acho que esse relacionamento com professor e aluno, ficaria um pouco mais simples se o professor lembrasse que ele também foi aluno um dia, que é um aprendizado constante.”

Se colocar no lugar do aluno é identificar o professor como indivíduo, possibilitando o envolvimento do professor como pessoa no processo, uma vez que, estamos sempre revendo nossas posturas, sentimentos e valores.
(1)

Portanto, ao assumir a docência, o professor precisa ter claro que formar um profissional de enfermagem é tarefa complexa que exige competências relacionadas aos seus saberes e às habilidades adquiridas de sua própria vivência enquanto ser.⁽¹³⁾

Nesse contexto, as relações sociais necessitam de atitudes de acolhimento, responsabilidade, aproximação, disponibilidade de escutar, afetividade, estabelecer mediações, dialetizar conflitos. Ensinando na prática ao aluno que ele deve priorizar um bom relacionamento, pois este “é imprescindível para uma boa atuação profissional, principalmente na área de enfermagem”.^(2, 4)

O aluno também deve aprender que amizade e relacionamento interpessoal não são, necessariamente, a mesma coisa. Deve saber que precisa respeitar as posições, opiniões e crenças dos indivíduos, reconhecendo que cada contato é uma oportunidade de aprendizagem e crescimento, podendo ser no campo profissional ou pessoal.

“Também acho que é importante o aluno desenvolver o relacionamento interpessoal [...] o aluno precisa aprender a separar as coisas, o professor daquele campo de estágio, o professor daquela disciplina. Assim como ele precisará separar dentro do trabalho.”

“[...] importante o aluno respeitar a mudança de professor para aprender a respeitar cada professor, a compreender cada metodologia de ensino [...]”

Os alunos sentem muito quando ocorre mudança constante de professores durante o curso. Por outro lado, essa mudança também parece

ser sentida pelos professores, pois estes também se envolvem na construção da relação interpessoal e na formação dos futuros profissionais técnicos em enfermagem. Esse rompimento pode ser difícil para os professores porque de um lado não conseguem acompanhar a evolução dos alunos e por outro, são obrigados a constantemente iniciar todo o processo de aproximação e reconhecimento de novos alunos.

Como foi discutido na categoria anterior, apesar da importância que uma convivência mais longa com o mesmo professor, a fim de formar vínculos que facilitarão a aprendizagem dos alunos, essa não é a realidade da maioria das escolas de ensino profissional técnico em enfermagem.

Mesmo assim, muitos professores continuam tentando se relacionar com os alunos de forma empática, buscando formar o profissional e o cidadão. A presença da sensibilidade, da intuição e da empatia constituem formas de acesso ao outro possibilitando descrição reveladora e doadora de significados. Esse não é um comportamento que está determinado por convicções, valores e necessidades arraigadas no pessoal. A participação ativa dos sujeitos em experiências vividas em comum permite compreendê-las e interpretá-las.⁽¹³⁾

Assim, os alunos usam esse espaço, agregando informações e experiências para construir seu conhecimento. Na vertente do construtivismo sócio-histórico, o ser humano não nasce inteligente, e também não é totalmente dependente da força do meio. Ele interage com o meio respondendo, analisando, organizando e construindo seu conhecimento, num processo contínuo de fazer e refazer.⁽⁴²⁾

“Eles acabam agregando muitos valores, daquilo que eles trazem de casa, do que eles adquirem dentro da sala de aula [...]”.

Esse movimento é necessário porque os alunos trazem suas experiências passadas para a vida profissional, onde estarão se relacionando com os diversos atores que envolvem o processo de cuidar na enfermagem, onde se entende que o cuidado se reveste de ação transformadora, através da educação crítica, de conceitos e ações, aliadas às emoções envolvidas no processo. Práxis que se constitui em desafio que implica em autoconhecimento de suas atitudes, desejos e aspirações, os quais permitem o surgimento do sensível para o saber/praticar o cuidado. O profissional precisa resgatar a “sensibilidade de si” para o estabelecimento de relações humanas integradas e intersubjetivas. ^(56, 57)

O construtivismo sócio-histórico busca por novas formas de compreensão da mente humana, a partir do contexto histórico-social, visando desencadear um processo de mudança. Essa mudança se mostra possível, no relacionamento entre pessoas, a síntese não é a soma ou justaposição dessas, mas consiste na construção de algo novo. ⁽⁴¹⁾

Nesse contexto, as atitudes dos alunos em relação à construção de seu conhecimento são motivadas principalmente, por suas convicções acerca do significado que o ensino possui na sua realidade. Isso vai definir a motivação que o aluno terá diante do processo ensino aprendizagem, sabendo que a aprendizagem que envolve a auto-iniciativa, alcança as dimensões afetivas e intelectuais, tornando-se mais duradoura e sólida. ⁽⁵⁸⁾

Os professores devem saber que, apesar do controle final da aprendizagem estar com o aluno, os educadores eficientes influenciam e orientam o processo para que eles avancem em seus conhecimentos, percepções, pensamentos, maturidade emocional e comportamento. ⁽⁵⁹⁾

“... O interesse tem que partir também do aluno, mas nós como formadores, como educadores nós temos que passar a visão da saúde para o aluno [...]. Estou com uma turma em centro cirúrgico. Têm alunos que estão adorando, que tão ali, pedem para ajudar, para puncionar uma veia, para monitorar o paciente, se entrosa

com os auxiliares, com os médicos, com anestesistas e se desenvolvem muito bem...”.

Quando o aluno está comprometido e envolvido na construção do seu conhecimento as oportunidades disponibilizadas pela escola terão mais significado para a formação do profissional e sua prática quando este estiver exercendo sua função na área da saúde.

Para que isso aconteça, as experiências vivenciadas por eles deverão ter significado para suas vidas para que sejam internalizadas em sua realidade, não apenas de técnico em enfermagem, mas de sujeito que faz parte de um contexto social. Diante disso, o ambiente onde se desenvolverá essa aprendizagem precisa ser acolhedor e não intimidador, tornando o momento do estágio uma oportunidade que vai além de aprender as técnicas, onde seja possível aprender a se relacionar, a se portar e a se colocar diante de um grupo de profissionais.

Portanto, o aprendizado de novos papéis, como o de cuidador, necessita de um ambiente de aprendizagem que consiga conter a ansiedade que o aluno enfrenta ao lidar com as variáveis que permeiam o processo de aprendizado, principalmente ao entrar em contato com os pacientes.⁽⁶⁰⁾

Este autor menciona que uma atmosfera aberta e facilitadora atenua o estresse relacionado ao processo de profissionalização em oposição a um ambiente educacional intimidador.

Mesmo nesse contexto, o professor mostra que tenta procurar formas para dar as oportunidades cabíveis para cada aluno, tentando fazer com que estes alcancem seu potencial. Essa prática requer um cuidado especial por parte do professor, que necessita compreender que cada pessoa tem a sua história, seus valores e experiências, e que isso influenciará na aprendizagem desses alunos.

“[...] o professor tem que instigar, ‘puxar’ alguma coisa deles, para que possam se desenvolver um pouco mais.”

O interesse dos alunos precisa ser estimulado considerando os aspectos psicológicos envolvidos no processo ensino-aprendizagem, pois tanto o professor como o aluno possui qualidades que facilitam a comunicação, mas também características negativas que dificultam o relacionamento⁴⁷. Tanto quanto os professores, os alunos que chegam no ensino profissional técnico em enfermagem estão acostumados com a chamada educação bancária e esperam receber do professor toda a informação necessária à sua formação profissional. Isso muitas vezes leva o aluno a se colocar como sujeito secundário em sua formação.

“Para o pessoal do auxiliar, como eles nunca entraram num hospital, numa unidade básica, o que você (o professor) está falando é decreto é veredito.”

Essa posição é bastante confortável para os professores e ao mesmo tempo constrangedor para o aluno. O problema é que dessa maneira o professor distancia o aluno de espaços de oportunidade de aprender de forma significativa e eficiente, de acordo com sua realidade sociocultural. Também está perdendo a oportunidade de aprender, pois o relacionamento interpessoal traz situações incontáveis de aprendizagem para todos que estão nele inseridos.

O professor então precisa incentivar esse aluno na busca de seu conhecimento e ter claro que ele (professor) é quem facilita esse processo; sendo capaz de despertar no aluno a motivação para a pergunta, para uma atitude investigativa que busque soluções e que fundamente sua intervenção na realidade. Contudo, esse aluno tem que entender que sua intervenção deve transcender o desenvolvimento de sua prática técnica junto aos

pacientes, podendo transformar de forma significativa a vida dos seus pares, pacientes e familiares. ⁽⁶¹⁾

“[...] nunca fez uma punção venosa, quando faz fica satisfeito e diz ‘agora estou satisfeito com meu estágio’. Porque passou uma sonda, porque fez uma punção, porque fez aspiração do paciente! Coisas que nunca tinha feito. Assim segue no estágio com mais satisfação.”

O aluno necessita sentir o desenvolvimento de seus saberes, mas muitas vezes, devido à abordagem tecnicista da enfermagem, ele projeta sua expectativa no crescimento da qualidade de suas competências procedimentais, distanciando de sua formação atitudinal.

Buscar um meio de mostrar ao aluno que sua capacitação atitudinal é tão importante quanto a técnica pode não ser uma tarefa tão simples para o professor. O ensinar exige respeito à autonomia e à dignidade de cada sujeito, para uma educação que leva em consideração o indivíduo como um ser que constrói a sua própria história. Esse respeito só aparece em meio a uma relação dialética na qual os sujeitos envolvidos — professor e aluno — se reconhecem mutuamente. ^(12, 62)

Nesse contexto, as atitudes dos professores serão analisadas de forma diferenciada pelos alunos, com um olhar crítico que tentará transferir aquele comportamento para sua realidade concreta. Assim, as atitudes que os enfermeiros supervisores apresentam em campo de estágio, tornam-se o “espelho” e o reflexo para o futuro profissional. ⁽²⁵⁾

“Muitos alunos tentam buscar um professor para se espelhar. Eles acham que tem que se espelhar naquele professor, só que no meio do caminho muda o professor, então eles já não sabem mais para que lado vão.”

“... O professor é quem vai definir o estilo dos alunos, eu lembro que na minha época de graduação, a minha primeira professora cobrava, perguntava ‘o que você está aplicando no paciente, para que serve?’ , e eu me pego fazendo isso com os meus alunos [...]”

Essa fala demonstra que a influência exercida pelos professores que conseguem conquistar o respeito de seus alunos será passada adiante por eles. Isso demonstrará que a aprendizagem é muitas vezes um processo social, e alguns indivíduos, especialmente os significativos, oferecem exemplos irrefutáveis ou modelos de como pensar, sentir e agir. Sendo assim, os professores devem adaptar atitudes e comportamentos saudáveis que tenham princípios e uma relação eficaz, servindo de exemplo aos alunos, pois são “os valores e as atitudes que modelam o comportamento das pessoas”. (59, 63, 64)

Durante o ensino clínico, o aluno desenvolve um saber contextualizado, construído através da análise das práticas quotidianas. Isso representa a possibilidade para o que este adote novas atitudes e comportamentos. ⁽²⁵⁾

“Os alunos que cursam o técnico quando entram num setor onde eles nunca fizeram estágio (nem como auxiliar), têm oportunidades e aí começam a se interessar, a perguntar e a interagir, não só com o professor, mas também com os profissionais de dentro do campo. Então, para eles é muito importante fazer estágio em um setor onde eles nunca entraram.”

O novo tem o poder de incentivar o aluno a buscar seu conhecimento porque sempre tem o tom do desafio, instigando as pessoas a ultrapassar essa espécie de limite que o desconhecido impõe ao indivíduo. Consegue perceber que precisa de todos os recursos possíveis pra transpor esse desafio. Isso o instiga a procurar ajuda e exemplos para conseguir alcançar esse objetivo, vivenciando o lado atitudinal presente no contexto.

Os conteúdos atitudinais são aprendidos no momento em que são praticados. As atitudes são desenvolvidas quando se pensa, sente e atua de certa forma frente a um objeto alvo de tal atitude; as regras são assimiladas quando, refletida ou irrefletidamente, seguem-se as normas estabelecidas em determinado contexto ou grupo social.⁽⁶⁵⁾

“Normalmente no primeiro dia de estágio eu já começo logo com as normas. Então, eu já falo para eles o que pode, o que não pode, o que deve fazer, o que não deve fazer, quais as normas da instituição e o que a escola preconiza. Costumo falar que os alunos saem até pensando que eu sou meio ‘carrasca’ o que não é verdade. No segundo dia, começo de uma forma diferente, até brinco com eles, mas com respeito e postura.”

“[...] No primeiro dia a gente se preocupa em dar uma noção, uma direção, um norte de como vai ser o curso. Conversamos com os alunos enfatizando que eles vão ter que respeitar normas, regras e isso causa um impacto na vida deles.”

A enfermagem, como muitas outras áreas da saúde, precisa ser ancorada por um número infinito de regras, que funcionam como um regulador tanto técnico quanto atitudinal. Como regulador técnico é importante ao garantir que os procedimentos sejam realizados de forma correta para não prejudicar terceiros. O aspecto atitudinal é importante porque esses profissionais estarão trabalhando com vidas de pessoas que estão, em sua grande maioria, fragilizadas. Nas duas esferas juntas, garantem que a saúde dos pacientes corra o menor risco possível.

Sendo assim, o professor precisa ter muito cuidado em como vai transmitir esse conteúdo. O momento do diálogo servirá para reflexão sobre a relação e a interação entre professor e aluno, no ato comum de conhecer e reconhecer o objeto de estudo, agora não mais numa relação verticalizada, mas numa construção dialógica⁶⁶. Sendo assim, é preciso mudar a postura pedagógica que está enraizada nos professores, mas para isso é necessário

que esses repensem suas atitudes, estabelecendo uma nova relação pedagógica.⁽⁶⁷⁾

“[...] ‘você vai seguir o protocolo da instituição e pronto’, não é aquela coisa ‘Ah, eu vou bater o pé’, mas você (o aluno) tem que decidir o correto de acordo com a instituição [...].”

Mais do que ensinar ao aluno que este deve seguir o protocolo da instituição, o professor precisa tentar entender junto aos seus alunos o motivo da existência desses protocolos, descobrindo qual a utilidade deles para aquela instituição, porque eles eram necessários dentro daquele contexto. Dessa forma o aluno verá sentido nessa aprendizagem e terá uma facilidade maior em adotar e seguir as regras das outras instituições onde vier a passar como estagiário ou como profissional.

Para enfrentar a demanda das instituições de saúde, se espera do profissional uma conduta direcionada pela ética do compromisso. Esse compromisso deve começar a ser exercitado na escola, com o cumprimento das atividades propostas pelo programa da instituição, aproveitando ao máximo todas as oportunidades de aprendizagem que serão disponibilizadas por essas atividades.⁽⁶⁴⁾

“O aluno que cursa o técnico e exerce diariamente as técnicas em seu trabalho, às vezes, falam ‘ah, eu estou fazendo o técnico para ter o título e ganhar mais’. Então, nessa de ter o título, eles perdem o interesse.”

“A turma de curso técnico acha que já sabem e que estão ali só pra cumprir o protocolo, então, em alguns campos de estágio eles questionam porque que tem que ficar tantas horas ali se não tem tantas atividades para fazer.”

“[...] eu acho que quando aluno tem uma conduta que sabe tudo, acaba atrapalhando o relacionamento, porque ele não está interessado em aprender, e sim, simplesmente para ter um certificado, um diploma. O que vier a acrescentar é lucro, desde que ele não tenha que se esforçar para isso.”

“Os alunos que estão fazendo o curso para o técnico estão fazendo porque eles querem o papel (certificado). Em geral, durante o estágio eles dizem que já sabem e mostram desinteresse. Por mais que eles saibam, muitos deles já têm os vícios como auxiliar. Então, você vai passar a técnica correta e eles não aceitam porque acreditam que já sabem. Começam a discutir que isso é só na teoria e que na prática é diferente.”

“Ele quer o certificado. Acha ruim que o campo é longe, acha ruim por serem tantas horas de estágio, acha que aquele campo não tem tanta coisa para fazer e vive questionando, [...] que a teoria é assim, mas na prática é assado...”

As falas mostram a realidade dos professores que dão aula para adultos que já trabalham há muitos anos na prática e estão fazendo o curso técnico por uma exigência do órgão regulador. O que parece desestimular mais esses professores é o fato dos alunos não demonstrarem nenhum interesse em aproveitar o momento e o espaço que estão tendo para aprender coisas novas. “Os professores apontam para um grande desafio para aproximar-se do aluno, física, social, cultural, psicológica e emocionalmente”.⁽¹⁹⁾

Se considerarmos o conceito educativo e o caráter intencional das ações humanas, as atitudes, percepções, expectativas e representações que o aluno tenha de si mesmo, da tarefa a realizar e das metas que pretende alcançar, constituem fatores de primeira ordem que guiam e dirigem a sua conduta.⁽⁸⁾

A realidade de cada indivíduo deve ser considerada durante o processo de ensino aprendizagem. Muitos alunos que cursam o curso técnico profissional em enfermagem, como dito anteriormente, o fazem para

cumprir a exigência do órgão regulador. É fácil entender que ter que fazer estágio depois de um dia de trabalho, não é nada fácil. Então também podemos entender que quando este aluno não percebe a diferença de sua atuação como auxiliar para a atuação que terão ao término do curso, repetir sua rotina de trabalho não é algo que terá algum significado diferente de trabalho não remunerado.

“... A maioria dos alunos do curso técnico já trabalha, e acham que não é necessário repetir aqui (no estágio) as técnicas, porque já viram aquilo. Dizem que não tem necessidade, e que fica ‘maçante’.”

“Já o pessoal que está fazendo técnico, tem a vivência. Mesmo os que não trabalham. Aí, está o ponto de discórdia [...] ‘ah eu não trabalho em lugar nenhum, mas aprendi na teoria que é assim, então é assim’. Cabe ao professor ser o mediador e saber administrar o conflito.”

“[...] os alunos que estão fazendo o técnico desafiam o professor. Tem muitos professores que estão acostumados a indagar e nunca a ser indagado, expressando: ‘porque eu faço assim, pronto e acabou!’”.

Precisa ser esclarecida para esse aluno essa diferença, ensiná-lo a enxergar esse novo mundo de possibilidade que está tendo a oportunidade de conhecer. Para isso o professor precisa confiar na capacidade do aluno.

Como meio de facilitar essa confiança “o relacionamento interpessoal merece maior atenção devido à sua complexidade, já que lidamos com relação entre pessoas, cada uma com suas características e personalidades diferentes”.⁽²³⁾

O professor precisa estar preparado para lidar com as mais diversas situações em sala de aula ou campo de estágio. Para isso a formação inicial e permanente é condição para que possa repensar sua prática pedagógica,

entretanto, a flexibilidade é de suma importância para a mudança, pois é necessário romper barreiras, conceitos, paradigmas, exercitando a aceitação de novas ideias; é necessário envolvimento e comprometimento com o ensino, com o contexto. ⁽⁶⁸⁾

“[...] o pessoal do curso técnico às vezes desafia o professor ‘ah, por que eu tenho que verificar sinais vitais se eu já sei...’ então, aí você tem que se impor [...]”.

Mais do que se impor, ensinar técnicas ou fazer com que os alunos cumpram as tarefas propostas, o professor precisa ajudar o aluno a entender o motivo pelo qual está fazendo aquele procedimento. A aprendizagem precisa ter significado para que seja válida. Assim, o processo ensino-aprendizagem conduzirá sua abordagem ao desenvolvimento de sujeitos capazes de construir e desenvolver atitudes humanas sensíveis, criativas e solidárias. ⁽¹⁴⁾

No panorama educacional o professor deve olhar as atitudes do aluno inserido em um contexto maior, advindo de modos operantes de se situar na sociedade. Tudo se encontra em processo de desenvolvimento, a partir do cognitivo, passando pelo emocional e culminando em atitudes. Essa premissa remete pensar que o aluno, muitas vezes, ao chegar na escola profissional não tem ainda a dimensão de sua futura responsabilidade com questões que permeiam a saúde e principalmente o cuidado. Por outro lado têm-se alunos que muito se esforçam e querem aprender.

Neste patamar cabe aos professores construírem novos espaços de aprendizagem acerca de como trabalhar atitudes dentro de uma escola, com desafios e proposições para mudar a realidade que nela se apresenta, de causas por vezes conhecidas e outras não, mas que são produtos do mundo em que vivemos.

Perfis de Professores e de Alunos

Discorrer acerca de perfis de professores e alunos é muito complexo, pois há uma gama de fatores que intervêm no modo de cada um expressar o que sente naquilo que identifica com certo ou errado, nas condições e relações em que se encontram dentro da escola.

É discutido sobre as questões que se referem ao comportamento de professores que acabam comparando os alunos, às vezes, “rotulando-os”. Essa conduta interfere diretamente e indiretamente na concepção do que seja ensinar.

Nesse sentido, o ambiente de aprendizagem que se cria na escola deve propiciar diálogos efetivos que também possibilita ao aluno aprender a partir do social. Aproveitando todas as relações positivas que se estabelecem no modo do professor olhar o aluno como aquele que apresenta potencial para mudar e aprender.

“Acho que o professor deveria saber que cada aluno tem um temperamento e desenvolvimentos diferentes. Sempre vai ter alguém que é mais ágil e outros que terão alguma dificuldade. Vai de cada professor ajudá-los a desenvolverem essa parte, o que o aluno tem de melhor...”

“... Acho que vai do perfil do aluno. Tem aluno que vai ter um perfil mais agitado, mais ‘taque’. Quando ‘taque’, ele vai adorar pronto-socorro, UTI, mas ele já não vai se desenvolver tão bem numa unidade básica de saúde, por que é mais calma e mais devagar... Se for ver, fazer a medicação numa unidade básica e num hospital é igual, mas há diferença entre dinâmica do hospital e da unidade básica [...]”.

“Eu acho que há uma diferença, entre o aluno auxiliar e o aluno que cursa o técnico, pelo menos em campo de estágio. O aluno que é auxiliar ele tem curiosidade, vontade de saber, de aprender, de ter certeza de que o que ele está fazendo é o certo, então ele sempre questiona, ele sempre pergunta [...]”.

“Eu gosto de acompanhar o estágio de auxiliar, principalmente a turma que vai para o primeiro estágio [...] dizem: ‘nossa professora, eu nunca tinha feito um dextro, pensava que era mais difícil’. Os alunos têm a curiosidade, e estudam antes de realizar o procedimento, diferente do aluno que cursa o técnico.”

Os professores percebem a diferença do perfil dos alunos, chegando inclusive a “rotulá-los” em alguns casos, como podemos perceber nas falas acima. Assim, “no dia a dia escolar, os professores confrontam-se com a necessidade de compreender as diferenças de atitude e comportamento dos alunos que têm influência direta e indireta na realização e satisfação escolares”⁸. Ao identificar essas diferenças, o professor de enfermagem “pode ajudar os alunos em formação para que se desenvolvam em todas as potencialidades e possibilidades do ser”. Isso só será possível se ele tiver condições de trabalhar com as particularidades de cada um, tendo assim uma oportunidade maior de alcançar o objetivo final que é a aprendizagem significativa e atitudinal dos alunos.⁽⁶⁹⁾

Vygotsky parte da compreensão de que a “pessoa é entendida como um ser construído mediante suas próprias condições de existência, faz-se na história e, concomitantemente, faz essa história”.⁽⁷⁰⁾

Quando o professor “rotula” um grupo grande por certa característica e não se permite olhar para os alunos individualmente, cria uma barreira que dificultará muito o desenvolvimento de qualquer relacionamento interpessoal com seus alunos. Isso acaba se refletindo na construção do conhecimento do aluno. O professor pode se desmotivar, o que o impede de construir um relacionamento interpessoal instigador com seus alunos e isso é um problema porque a interação social é fundamental, pois a pessoa internaliza os elementos de sua cultura, construindo seu universo intrapsicológico, a partir do mundo externo.

“Uma coisa boa é que o estágio faz o aluno se identificar com o setor que ele gostaria de trabalhar [...] no estágio ele vai se identificando, ‘não gosto muito de emergência ou do Pronto Socorro’. O estágio acaba por direcionar em que setor ele vai querer trabalhar [...]”.

Durante o estágio, os alunos tem a oportunidade de perceber o ambiente que estão experienciando. Nesse momento muitos deles já conseguem perceber, de acordo com seu perfil e suas características em qual setor se adaptariam melhor. Porém, cabe ao professor esclarecer aos alunos que estes precisam aprender a trabalhar em lugares diferentes, além de que esse direcionamento pode estar sendo precipitado. Diferentes perfis podem ser úteis em uma mesma área. Quanto maior a diversidade de potencialidades de uma equipe multiprofissional, a chance dela conseguir resolver todos os problemas que surgirem aumenta.

Por outro lado, essa primeira impressão também pode estar relacionada às oportunidades e as relações interpessoais que surgiram durante o estágio.

“[...] acho que isso depende também muito do campo de estágio, porque há campos de estágio onde os alunos conseguem evoluir mais, e há campos de estágios que nem tanto, e isso também depende muito do aluno, porque há aluno que chega com interesse e outros não.”

A maneira como esses alunos irão vivenciar determinado estágio será muito importante para a ideia que ele fará do dia-a-dia naquele setor. O campo pode restringir o acesso e as ações dos estagiários ou manter uma parceria saudável com a escola importando-se com a aprendizagem dos alunos. Essas posturas irão influenciar as ações e os interesses futuros dos estudantes. Nesse contexto, o relacionamento da escola e dos professores com o campo de estágio deve ser muito claro e de parceria, proporcionando

aos alunos vivência mais abrangente, aproveitando melhor as oportunidades de aprendizado.

Mesmo para os alunos que já trabalham na área de enfermagem, é importante uma vivência plena nos campos de prática. Estar trabalhando na área ou ter cursado o módulo de auxiliar de enfermagem, não significa que o aluno tenha experiência em todos os setores.

“[...] às vezes você vai questionar (o auxiliar que faz o técnico) alguma coisa da técnica, alguns não lembram mais, porque não estão trabalhando na área e perderam contato (com a área da saúde)”.

Os profissionais da saúde sempre precisarão de atualizações em sua prática, pois é uma área que está em constante movimento, onde novas tecnologias e novas descobertas são feitas diariamente. Surge nesse contexto a necessidade de se estabelecer um bom relacionamento interpessoal, que pode garantir uma comunicação mais eficaz entre professor e aluno.

A comunicação é “uma forma de interação na qual se compartilha ideias, mensagens e sentimentos, podendo ter influência sobre o comportamento das pessoas que, por sua vez, irão reagir a partir de suas crenças, valores, histórias de vida e cultura”.⁽⁷¹⁾

“(fala em relação ao aluno) Na infância ele queria um brinquedo, ele gritava e a mãe para não ouvir mais gritos, fazia o quê? ia lá e comprava. Quando os gritos não resolviam, ele chorava. A mãe não aguentava o choro, ia lá e comprava. Só um exemplo, quando o aluno chega aqui e tira uma nota baixa na prova, aí ele grita, briga com o professor, vai abrir um formulário na secretaria...”.

Essa comunicação deve ser cuidadosamente conduzida pelo professor, principalmente quando o exemplo da fala acima se torna real. Para se fazer entender é necessário o diálogo, mas para que o diálogo exista é necessário que haja atenção e respeito de todos os envolvidos nele.

Muitos alunos do ensino técnico profissional em enfermagem estão enfrentando pela primeira vez o mundo fora de seu círculo familiar e de amigos. Escolhem uma profissão que não conhecem direito e para que possam alcançar esses novos saberes, muitas vezes precisarão reavaliar alguns valores, crenças, comportamentos e atitudes. Enfrentar o mundo sem o amparo a que sempre estiveram acostumados pode fazer com que se desestabilizem e tentem se sustentar em algo conhecido. Nesse momento a insegurança pode gerar dificuldade de argumentação e inflexibilidade nos alunos, dificultando a consolidação de relacionamentos e atitudes importantes para sua formação.

“Os alunos vêm sem limites, sem ter noção de valores, digo isso como um todo. O relacionamento depende da forma como esse aluno vem. Tem aluno que vem porque quer ter uma profissão, quer crescer profissionalmente e também como pessoa, enquanto que outros alunos vêm em busca de um certificado, de um diploma e muitos acham que isso vai ser a tábua de salvação da vida deles”.

“... Com as experiências que tenho como professora, como formadora, acredito que em algumas situações (o relacionamento interpessoal) possa ajudar, sim (na aprendizagem atitudinal). O que a gente percebe hoje é que os alunos chegam na escola ‘vazios’”.

“... Como nós recebemos esse aluno aqui na escola? [...] eles não têm noção do que eles têm que mudar dentro deles para abraçar a nova profissão que eles estão em busca”.

Essas falas são fortes porque mostram que os professores acreditam que alguns alunos não têm o perfil esperado para um profissional da saúde. Evidenciam que esses alunos não têm valores ou são “vazios”. Que buscam

o curso apenas pela profissão, sem saber o que ser profissional e fazer parte de um contexto social significa. Essa situação pode bloquear o professor e impedir que o relacionamento interpessoal se estabeleça. Nesse caso isso seria um problema maior, porque quando esse aluno tem a oportunidade de aprender a se relacionar, como consequência, expandem seus conhecimentos e modificam sua relação com o mundo, levando à visualização da própria ação, ou seja, um cuidado que favoreça o desencadeamento da valorização e da autonomia profissional. ⁽⁴¹⁾

Cabe ressaltar que, para explicar essa evolução intelectual, Vygotsky desenvolveu o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, que é caracterizada por saltos qualitativos de um nível de conhecimento para outro, sendo a base do processo de ensino aprendizagem do ser humano. ⁽⁷²⁾

É também, “um fato constatado que as interações sociais que o estudante mantém com os outros (amigos, pais, professores) têm importância no desenvolvimento do autoconceito”. ⁽⁸⁾

No que concerne à profissão da enfermagem, o professor é a pessoa mais indicada para ajudar o aluno a traçar um objetivo e o melhor caminho a seguir no que diz respeito à sua formação profissional. Porém, para que o relacionamento interpessoal exista e contribua para a aprendizagem do aluno, o empenho tem que existir em ambas as partes. Precisam entender que é muito importante que haja respeito ao perfil e às individualidades de cada um.

“... Às vezes o professor ‘pega’ uma turma muito boa e ele espera que a turma seguinte seja tão boa quanto, e às vezes não é. Porque cada turma é uma turma, cada rendimento é diferente”.

Essas diferenças não devem criar barreiras para a construção do conhecimento dos alunos, devendo o professor buscar a melhor forma de ajudar todos os alunos a superarem seus limites e alcançarem seus objetivos profissionais.

O processo de aprendizagem vivenciado pelo aluno do curso profissional técnico em enfermagem é de tal modo influenciado pelo relacionamento com os profissionais da área da saúde, professores, pacientes e seus familiares, que se encontra na raiz da maioria dos problemas apresentados por eles, gerando grande desconforto e conflitos com os quais têm de lidar cotidianamente.⁽⁴²⁾

Isso faz com que, quando cheguem à escola, essa dimensão de suas vidas já estejam de tantas formas desgastadas que gera uma dificuldade imensa para que professor e aluno a transpassem, levando a conflitos que desestimulam tanto professores quanto alunos.

“Eles acham que quando terminar o curso e pegarem o certificado a vida deles vai estar toda resolvida. Mas no meio do caminho descobrem que a realidade não é bem essa”.

“[...] aquele que vem em busca de um papel, de um certificado [...] acha que por ele estar pagando, ele já está aprovado desde a hora em que fez a matrícula. Ai descobre, no meio do caminho, que isso não é verdade”.

“O auxiliar que faz o técnico é um questionador porque ele não quer aceitar que precisa continuar estudando e aprendendo. Ele quer ficar parado. E só se interessa pelo certificado”.

“O técnico (o auxiliar que faz o curso técnico) questiona tudo, porque para maioria deles o interesse não é o desenvolvimento das técnicas ou aprender mais alguma coisa e sim o certificado”.

“Tem aqueles alunos que não tem uma meta definida em querer alcançar um alvo, eles estão tentando “um status” e não se preocupam em com aprendizagem”.

A busca pelo certificado visando o crescimento profissional não deve ser fator limitador ou desestimulante para o professor conduzir o aluno na construção de seu conhecimento.

As exigências do mercado de trabalho da sociedade moderna podem em parte exercer função negativa na formação dos profissionais. Mas isso não deve ser motivo para que o professor desista de orientar seus alunos durante o processo de ensino aprendizagem, com a perspectiva de influenciar positivamente e de alguma forma, mesmo que sutil, plantar uma semente de boa vontade e compromisso, que mostrem aos alunos as responsabilidades que carregam em sua profissão.

As discussões sobre perfis de professores e alunos são infundáveis. O que necessitamos é transformar a realidade dos professores e alunos, para que possam se apropriar de novos saberes. Que estes sejam ferramentas para aquisição de novos conhecimentos práticos inseridos no contexto da saúde.

Compromisso com a Aprendizagem

Redimensionar o conhecimento e a prática na enfermagem deve ser constante, no sentido de agregar e atualizar conhecimentos. Essa construção deve considerar as realidades encontradas nas escolas de ensino profissional técnico em enfermagem, bem como o compromisso de professores e alunos com a aprendizagem.

Para ensinar o professor deve adequar suas metodologias para atender as demandas e necessidades dos alunos, tanto em sala de aula como em campo de estágio, instigá-los a buscar novos conhecimentos e ensiná-los a relacioná-los com a prática no contexto da realidade.

Pela necessidade de transformações filosóficas e pedagógicas que atendam às expectativas da cultura atual, como está estabelecido na LDB, a necessidade de formar profissionais com espírito científico e pensamento

reflexivo, tem levado a muitas discussões envolvendo a formação do professor de enfermagem. ^(36, 73)

Porém, o que podemos constatar é que grande parte dos enfermeiros que estão concluindo sua formação, estão atuando em escolas de ensino profissional técnico em enfermagem, sem conhecimento específico e das práticas educativas. Poucos possuem título de Licenciatura, Formação Pedagógica ou Docência para Educação Profissional. Além disso, a grande maioria dos cursos de graduação em enfermagem não fornece em seu currículo conhecimentos suficientes de didática e pedagogia necessários para o exercício da educação. ⁽⁷⁴⁾

Esses cursos têm o intuito de fazer com que o enfermeiro desenvolva o conhecimento da didática e pedagogia aprendido. Esses conhecimentos são fundamentais para que os professores possam formar profissionais de nível médio capacitados a atender as expectativas decorrentes de suas funções. ⁽⁷⁵⁾

“Quando eu entro numa sala a primeira vez eu faço uma avaliação diagnóstica da turma. Eu procuro saber o que eles sabem, o que eles conhecem, o que eles esperam aprender [...] como eles acham que cada instituição trabalha, ou de onde eles passaram ou daquela que gostariam de trabalhar”.

“[...] Você tem que perceber se aquele aluno tem dúvida, chegar perto e ter uma conversa particular com ele”.

O aluno deve ter prazer em aprender e o professor em ensinar. É certo que com algum grau de amadurecimento, tanto o professor aprende ao ensinar como o aluno ensina ao aprender.

Ao estudar a aprendizagem numa abordagem cognitivista, devemos considerar que a maneira que as pessoas lidam com os estímulos ambientais, organizam dados, percebem e resolvem problemas, adquirem

conceitos e empregam símbolos verbais, é considerada predominantemente interacionista.⁽⁷⁶⁾

Nas falas os professores reconhecem que o relacionamento interpessoal precisa ser considerado no desenvolvimento do processo de construção do conhecimento e formação do futuro profissional da enfermagem.

“... O relacionamento é uma das coisas mais importantes e dependendo do estágio e do professor este não será muito ‘aproveitado’. Às vezes, o aluno não consegue desenvolver as atividades que precisa [...] é preciso ter empatia.”

“... Sabem que o paciente realmente precisa deles, daquele apoio psicológico, de estar interagindo com eles [...]”.

O compromisso com a aprendizagem vai além do ensino da teoria, das técnicas e dos procedimentos, chegando à busca por ensinar atitudes aos alunos. O professor se preocupa com o relacionamento interpessoal com o aluno e como este desenvolverá essa capacidade de cuidar junto aos pacientes.

Essa preocupação é muito oportuna no cenário educacional contemporâneo, onde o “professor precisa cuidar da aprendizagem do aluno e da formação crítica e criativa de um cidadão”. “O educador visa ser uma pessoa que valoriza a interioridade na relação com o estudante e com suas paixões, esperanças, tristezas, sonhos e histórias”.^(12, 77)

Essa aproximação com o aluno deve ser feita de forma consciente e com o foco na aprendizagem. Para isso o professor precisa perceber a relação pedagógica como espaço de autonomia e liberdade para que ele e o aluno possam transformar-se, transformando as relações com o saber, com a aprendizagem e com a realidade em que estão inseridos.⁽⁶¹⁾

Para isso “é necessário disponibilizar ao estudante espaços de diálogos que lhe permitam uma decisão facilitada, uma percepção positiva de si, uma segurança nas atitudes e comportamentos”. Nesse contexto o aluno terá oportunidade de refletir sobre suas atitudes junto com o professor e com seus pares, de maneira construtiva, sem a pressão de críticas e com o intuito de descobrir outros olhares acerca de seu comportamento, valores e crenças. ⁽²⁵⁾

De acordo com Vygotsky, o ser humano é entendido como um ser social e histórico, se constituindo enquanto sujeito, a partir das relações que estabelece com os outros, responsável em manter ou transformar o contexto no qual se insere. Desta forma, durante esse processo, estão presentes as questões éticas, pois o foco está em construir uma ordem social digna para todos os seres humanos. ⁽²⁹⁾

Dessa forma o aluno poderá avaliar seu próprio papel em seu meio, percebendo suas potencialidades e suas defasagens. Portanto, “ao educador, compete trabalhar com uma visão ampla de transformação do conhecimento prévio a partir do processo de conscientização deste trabalhador adulto objetivando a transformação da estrutura social”. ⁽²¹⁾

Ao ser colocado diante de si mesmo e do que a sociedade espera realmente dele, o aluno poderá ficar, de certa forma, vulnerável, portanto, “é de grande importância o preparo emocional do aluno de enfermagem para sua atuação profissional, propiciando-lhe a elaboração de suas vivências no questionamento e resolução de suas dificuldades emocionais”. ⁽⁷⁸⁾

Assim temos que o ensinar “não se limita na transmissão de conhecimentos. É baseado na intenção que o professor tem em ajudar o aluno que quer aprender, onde trilhará um caminho longo entre o propósito e a realização do ensino”. ⁽⁷⁹⁾

O sucesso no percurso desse caminho não dependerá somente do professor e/ou do aluno, pois, “o ensino efetivo na área de saúde baseia-se

na integração de técnicas e aspectos psicossociais envolvidos nas diferentes relações do profissional”.⁽⁷⁸⁾

A vontade e disposição dos alunos no campo de prática serão elementos importantes para o desenrolar adequado da aprendizagem no ensino profissional técnico de enfermagem.

“... Eu nunca dei aula teórica para auxiliar, mas no estágio, a turma de auxiliar que passou por mim foi a melhor turma. Eles eram mais comprometidos, eles realmente tinham mais interesse e não na questão de respeitar hierarquia, mas eles eram mais participativos.”

“O auxiliar entra cru e tenta buscar o conhecimento, então, se você disser para ele para fazer um procedimento, ele vai com a maior satisfação, coisas que ele nunca fez, como uma punção venosa, uma aspiração endotraqueal, para ele é tudo novo [...] ele quer aprender.”

“[...] fez o auxiliar a quatro anos e nunca passou uma sonda, então quando ele se depara com o procedimento e você (professor) explica, percebe o olhar de satisfação no olho do aluno [...]”.

“Assim, eu nunca trabalhei com auxiliar, essa vivência da busca eu não tenho. Mas as turmas que eu passei de técnico, dei aula de saúde mental e eu posso falar muito bem do interesse que eles têm pelo novo [...] a gente vai conduzindo a aula e eles também vão trazendo novas informações. Teve um episódio que eu falei, em saúde do idoso, que fala de AVC, e teve uma coisa assim ‘não é AVC professora, é AVE, porque a outra professora disse que é AVE’ [...]. Para a aula seguinte eu trouxe um artigo que falava da questão do AVC e do AVE [...] e esclareceu. Eu acho que isso é importante.”

Quando os alunos demonstram estar comprometidos com a construção de novos saberes, “cabe ao professor ouvir, incentivar e capacitar-se para apoiar os alunos nas experiências iniciais da prática, fazendo desse primeiro contato um fator motivador”.⁽⁴⁷⁾

O respeito pelos alunos também confere ao professor maior credibilidade. Quando este mostra que está aberto às discussões sobre os

temas e que toda a experiência e informação mostram que o relacionamento interpessoal entre eles é honesto e confiável. Para Vygotsky, “o desenvolvimento das funções psíquicas dos seres humanos ocorre a partir da atividade prática, nas relações que os seres humanos estabelecem em si e, com a natureza”.⁽³¹⁾

Portanto, quando no ensino da enfermagem se unem a prática, as relações entre professores, alunos e profissionais, e o ambiente onde isso ocorre, o sucesso da intervenção educacional e social tende a ficar mais próximo do ideal. Porém, quando essa não é a realidade, quando, por exemplo, os profissionais têm certa resistência em receber os alunos. Essa experiência pode ter uma influência negativa na formação dos mesmos.

“... Aprendizagem do aluno depende muito do campo de estágio que a gente está e de como a gente vai vem formando esses alunos, acho que isso faz uma grande diferença.”

“Tem também aquela história onde se acontece alguma coisa errada, ‘foi o estagiário’. Na semana passada, a enfermeira veio me chamar porque tinham jogado uma agulha num lixo comum. Aí eu falei que não foram os alunos. A aluna disse que tinha desprezado o material no lugar correto. [...] ‘os alunos estão orientados a não jogar nada aí, verifica direito porque eles não podem levar a culpa por um procedimento errado’ [...]. Para tudo que os alunos vão fazer estou ali do lado, nem que seja um dextro, um procedimento simples”.

“É comum falarem que estagiário desorganiza tudo, deixa tudo fora de lugar, que faz bagunça e não sei o que e sempre acontece isso. É um ponto negativo do estágio. Mas tem muitos setores que são ótimos, acolhem os alunos super bem, onde os alunos têm aquela oportunidade em realizar os procedimentos [...]”.

O estágio é um momento ímpar na formação do aluno, não somente por ser o espaço onde este colocará em prática tudo o que aprendeu na teoria, mas também porque será o local onde o aluno entrará em contato pela primeira vez com a vida profissional. Quando a equipe que recebe esses alunos tem certa resistência à sua presença, esse momento pode ser muito traumático, pois é “evidente a forte influência dessas relações

interpessoais sobre o saber-fazer, a motivação, a autoconfiança e a autoestima do aluno”.⁽⁴²⁾

Nos discursos acima, o professor reconhece o impacto que o relacionamento interpessoal e as atitudes dos profissionais têm na formação dos alunos do ensino profissional técnico em enfermagem. Assim, o relacionamento interpessoal existente entre o professor e os alunos poderá contribuir para que mesmo as experiências negativas possam se tornar ferramentas de aprendizagem, pois “as atividades e os conceitos presentes no desenvolvimento da prática profissional, quando refletidos e discutidos, introduzem abstrações e generalizações mais amplas acerca da realidade e do próprio processo de trabalho”.⁽⁴¹⁾

Dependendo do comportamento dos professores diante dessas situações tão complicadas, este “proporcionará ao estudante o desenvolvimento de habilidades e atitudes que levam à aquisição de poder técnico e também político, permitindo a atuação em benefício da sociedade”.⁽⁸⁰⁾

Diante dessa premissa, o relacionamento educativo é, de certa forma, o escape para muitas situações positivas e/ou negativas. O reconhecimento desta por alunos e professores poderá ajudar à compreensão dessas situações, encontrando assim, as soluções para elas.⁽⁸⁾

De acordo com o construtivismo sócio-histórico, o desenvolvimento do ser humano, enquanto um ser consciente, ocorre a partir da apropriação pelo sujeito das conquistas e conhecimentos produzidos historicamente e originado nas relações sociais.⁽⁸¹⁾

Ainda hoje, no ensino de enfermagem, não só os professores, mas também os alunos procuram o desenvolvimento técnico em detrimento do relacional, fazendo com que estes só identifiquem a eficiência do estágio quando este estiver repleto de procedimentos de enfermagem.

“Em psiquiatria, os alunos no primeiro dia têm medo! Parece que os pacientes vão matar eles. Leva-se uma semana para eles perderem aquele medo, e quando chegam ao final do estágio, eles estão entregando currículo para trabalhar lá, eles gostam muito depois”.

“[...] eles chegam num campo de estágio, onde é uma clínica de idosos e clínica de saúde mental, e acham que aquilo não é estágio de enfermagem, porque eles não estão passando sonda, fazendo curativo ou puncionando veia. Eles não compreendem que ali é um espaço importante para estabelecerem uma comunicação terapêutica, dar apoio e acolher o paciente [...]”.

Essa disposição (ou não) dos alunos em aprender que está evidenciada nas falas também estará estreitamente ligada ao modo como eles perceberão a postura dos profissionais da equipe de saúde presentes no campo onde serão introduzidos, pois a expectativa dos alunos dependerá dos aspectos situacionais, como a organização do ensino, a estrutura da turma, a atitude do professor, entre outros. ⁽⁸⁾

Quando estão acompanhando os alunos no campo de estágio, os professores devem ter consciência do significado do processo educativo, das suas interferências na formação profissional e sua relação com a sociedade. A educação é um processo que faz parte do social e por isso não pode ser considerada neutra em seus objetivos. Estas relações profissionais e/ou sociais interferem no resultado deste processo pedagógico, influenciando o desenvolvimento dos alunos no ensino prático. ⁽⁶¹⁾

Apesar disso, os professores ainda tendem a insistir na concepção “tradicional” do ensino de enfermagem, dando ênfase às normas e à hierarquia, colocando tudo isso numa roupagem ética deixando-a com um outro formato, quase sempre parecendo que não é diferente do que vemos na educação há tanto tempo.

“O aluno pode ter todos os problemas possíveis e imagináveis. Ele pode não ter técnica nenhuma, ser ruim de qualquer coisa, mas postura e ética são imprescindíveis”.

“... O aluno está entrando numa área onde será solicitado constantemente e se ele deve estar preparado para obedecer à ordens [...] o trabalho tem que ser feito com satisfação, porque quem será prejudicado [...] será o paciente”.

“No estágio eu procuro mostrar aos alunos que já estão trabalhando, que ali a gente está como profissional e não dá para fazer as coisas de qualquer jeito. Muitas vezes encontramos alguns campos que as coisas são feitas meio de qualquer jeito. A gente não pode ser como eles, tem que fazer a diferença, começando pelo estágio, para quando ele estiver atuando não pegar esses vícios, e então cair na rotina. A enfermagem, como a gente viu, tem melhorado bastante e tem muito ainda que melhorar”.

Os professores demonstraram preocupação com a dimensão ética e com o compromisso que o aluno deve assumir ao se propor a cuidar de pessoas diariamente, como profissional. Podemos perceber diante disso que a enfermagem está buscando elevar e valorizar os aspectos subjetivos na relação profissional e da pessoa humana, ambas inseridas no processo de cuidado e envolvendo experiências pessoais, significados, valores e diferentes formas de enfrentar situações cotidianas. Essas permeiam o conhecer/ser/saber/fazer o cuidado pela via da intersubjetividade. ⁽¹⁴⁾

Dentro do contexto ético, outro desafio importante dos professores de enfermagem é conseguir conciliar a educação e a saúde, pois é necessário proporcionar interfaces entre saberes e poderes, gerando oportunidades de aprofundamento dos diálogos disciplinares e de alternativas metodológicas e da renovação de saberes e práticas na saúde. ⁽⁶⁸⁾

“É muita coisa na convivência professor-professor. Porque às vezes eu tenho uma maneira de explicar, você tem outra maneira, daí quando eu vou substituir um professor, aí falo para o aluno ‘vamos fazer a anotação de enfermagem’. Em geral ele escreve como o professor do estágio anterior explicou, mas o que eu quero é outra coisa, aí o aluno fala: ‘mas como eu não vou escrever isso se a professor falou que tem que ser do outro jeito?’ [...]”.

“[...] Então disse a eles: ‘Gente, eu não estou dizendo que o que a professora falou está errado, ou o que eu estou ensinando está errado, só estou dizendo que a gente tem que seguir o protocolo

da instituição. Leiam a anotação de enfermagem da instituição e vejam como eles estão escrevendo' [...]'".

As inúmeras possibilidades da prática na enfermagem também exigem que o professor saiba lidar com situações como as colocadas nos depoimentos. Há certa preocupação com comparações entre seus pares. Essas comparações podem ter conotação negativa quando os alunos estão tentando testar o professor, quando ainda não construíram vínculo de confiança.

O professor entende que esse pode ser um momento para demonstrar que o aluno deve procurar saber qual a forma de trabalho na instituição que estará estagiando ou, futuramente, trabalhando. Pode mostrar nesse momento, que o aluno precisa entender que deve dar chance para novos conhecimentos e técnicas. Assim, “é possível tomar as escolas técnicas como *locus* privilegiado para que se opere a mediação dos saberes inscritos na sociedade – as ciências, as técnicas específicas e o trabalho”.

(82)

Os depoimentos mostram que falar sobre o compromisso com o processo de aprendizagem é muito mais fácil do que atuar para que isso seja real. É muito complexo para o professor e para o aluno, pois requer condições favoráveis para ensinar e aprender, e disposições internas das pessoas que se refletem no modo de olhar o mundo e viver nele.

Nem sempre as metodologias aplicadas no ensino dão certo. A intenção, o conhecimento do professor e suas competências nem sempre asseguram bons resultados. Depende da escola, de campos de estágio e principalmente dos alunos.

Muitas vezes, a relação escola e alunos não apresentam coerência com o esperado no plano de curso vinculado com o projeto político pedagógico. Na implementação prática do plano de curso têm-se observado que nem sempre é possível atingir os objetivos de modo alcançar o perfil dos

alunos; para atender e atuar com compromisso na realidade da assistência de enfermagem no contexto da saúde.

Conclusão

7 CONCLUSÃO

A interface entre os resultados obtidos nesse estudo e a caracterização das professoras que atuam nessa Escola de Ensino Profissional Técnico de Enfermagem permitiu concluir que:

A maioria das professoras entrevistadas atua como supervisora de estágio, possui experiência assistencial em instituição de saúde e é licenciada.

Essas características indicam a probabilidade destas terem condições de conduzir os alunos na construção de seu conhecimento de modo completo, abarcando as aprendizagens cognitivas, técnicas e atitudinais.

O estágio, segundo seus depoimentos é o espaço onde, por trabalhar com grupos menores, o professor consegue uma interação maior com os alunos.

A experiência assistencial em instituição de saúde e como professoras no ensino profissional técnico em enfermagem são características que podem trazer segurança no desenvolvimento do processo ensino aprendizagem, pois mostra que as professoras encontram-se capacitadas para realizarem supervisão de estágio no âmbito da técnica, permitindo que estas tenham tranquilidade para voltar a atenção também aos aspectos relacionais. Essas características também são muito importantes para o aluno, que em geral passa a ter mais confiança na professora que tem experiência na área de enfermagem.

O curso de licenciatura deve desenvolver nos futuros professores capacidades pedagógicas para a aplicação de uma prática educativa que consiga alcançar o objetivo de possibilitar a aprendizagem significativa dos alunos, nas esferas técnicas e atitudinais.

Contudo, nos discursos foi possível perceber a presença de certa fragilidade para as professoras aplicarem princípios pedagógicos em algumas situações específicas da prática formativa, que confere ações do âmbito do desenvolvimento profissional docente, evidenciando assim que, esse grupo ainda necessita trabalhar aspectos relacionais e motivacionais para dar suporte ao crescimento dos alunos em situações que abarcam expectativas, desejos e interesses voltados para o exercício da profissão, no intuito de motivar e conscientizá-los da importância de se responsabilizarem e se comprometerem com a assistência ao paciente.

Na análise dos depoimentos ficou clara a presença de posturas diferenciadas das professoras em situações semelhantes, principalmente no espaço da prática educativa. Algumas professoras focam na desmotivação do aluno para aprender, enquanto outras os incentivam a aprender a apreender.

Conclui-se que a atitude do professor e sua influência no aprendizado atitudinal do aluno foi evidenciada nos achados repercutindo no futuro profissional, bem como os professores reconhecem que sua percepção na relação professor-aluno é pautada em posturas individuais e essencialmente subjetivas e de difícil aplicabilidade no desenvolvimento do processo educativo.

Neste estudo também foi possível conhecer situações vivenciadas por aluno e professoras no contexto da relação interpessoal entre eles e perceber o quanto essa questão pode ser melhor trabalhada por ambos, visando a qualidade do ensino.

Considerações Finais

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino profissional técnico em enfermagem pode ser trabalhado de modo a construir uma prática educativa efetiva com potencial para mudar e operar as transformações no âmbito das relações e em particular na relação interpessoal professor aluno.

De modo geral todos os professores vivenciam a relação interpessoal professor aluno, mas nem sempre como um processo educativo pautado em princípios e valores já consolidados pelo grupo de professores e alunos, o que vem mostrando a necessidade de se analisar a própria prática pedagógica para que esta possa dar suporte a essa composição relacional.

Nas escolas de ensino profissional técnico em enfermagem ainda faltam espaços de diálogos e de reflexões acerca de questões relativas a qualidade da relação interpessoal entre professores e alunos, quando inseridas em um processo educativo a fim de viabilizar o pensar e o fazer na formação dos alunos, redirecionado o olhar para as necessidades destes e visando melhorar os aspectos atitudinais.

Neste estudo, todas as relações ou aproximações da relação interpessoal entre professor e aluno apareceram em situações de aprendizagem, sinalizando a necessidade de ambos trabalharem melhor as ações no contexto do ensino e da aprendizagem.

Se analisarmos em que medida tanto os professores e alunos encontram-se cientes da importância do relacionamento interpessoal, diríamos que seria fundamental para eles repensar o que significa estar numa profissão vinculada a área da saúde. Isso daria maior sustentação para cursar enfermagem, tomando como eixo primeiro o propósito de estar ou buscar se formar nesta profissão, ou seja, aprender a cuidar.

Os professores mostraram que questionam acerca do tema dessa natureza. Há uma preocupação em formar bem, principalmente o lado atitudinal do aluno, mas isso requer deles muita atenção, diálogos, tendo que intervir diante de algumas posturas de alunos, em alguns espaços educativos, mostram-se incompatíveis com o desejável de quem procura se formar em enfermagem.

Por outro lado, constatou-se uma grande preocupação com estes alunos sobre posturas adotadas por alguns deles. Os resultados pautaram que existem professores que tem vontade e disposição para trabalhar as condutas indesejáveis de alunos que apresentam potencialidades e se permitem mudar. Também, os professores sentem-se mais satisfeitos quando os alunos reconhecem o seu trabalho.

Percebe-se a necessidade de identificar as necessidades dos alunos no que diz respeito as suas atitudes, e reconhecem que estas influenciam o desenvolvimento atitudinal dos mesmos. Os professores se esforçam para criar um vínculo de confiança nesta relação tão próxima a ponto de influenciá-los.

A compreensão destas condutas torna-se presente quando os alunos mostraram valor e o respeito que tem com professores.

Em Escola do ensino técnico profissional os alunos sentem muito da mudança constante de professores durante o curso, às vezes, no próprio campo de estágio.

Ficou claro que o professor deve investigar sua própria prática. Buscar um meio de mostrar ao aluno que sua capacitação atitudinal é tão importante quanto a técnica, assumindo que isso não se coloca como uma tarefa tão fácil para o aluno e professor.

Há situações em que os professores expuseram que os alunos auxiliares de enfermagem que fazem o curso técnico, muitas vezes não

apresentam iniciativa em querer aprender, tendo o foco muito mais voltado para o diploma do que para a aprendizagem.

Os professores sinalizaram a necessidade de promover espaços para o aluno melhor se conhecer. Ajudando-o a aprender a vivenciar uma relação interpessoal fundamentada no respeito e no autoconhecimento.

Os resultados evidenciaram a necessidade dos professores:

- Repensarem novas maneiras de conceber a relação interpessoal entre professor e aluno, adquirindo uma visão de investigação nesse campo do conhecimento. De modo a ampliar e aprofundar acerca de questões que permeiam o campo das relações em espaços educacionais.
- Organizarem espaços de diálogos entre os professores para refletirem acerca de situações que envolverem aspectos atitudinais e sociais, no que se refere aos alunos que não demonstram interesse em construir novos conhecimentos pautados em ações que possam fortalecer suas atitudes no cuidado.
- Conscientizarem-se da importância de realizarem autoavaliação, a fim de reverem os posicionamentos e como estabelecem as relações com os alunos. A fim de buscarem crescimento mútuo visando a qualidade da aprendizagem.

Referências Bibliográficas

9 Referências Bibliográficas

1. Esperidião E, Munari DB, Stacciarini JMR. Desenvolvendo pessoas: estratégias didáticas facilitadoras para o autoconhecimento na formação do enfermeiro. *Rev Latino-Am Enfermagem*. 2002; 10(4): 516-22.
2. Fidelis WMZ, Muramatsu CH. Conhecimento dos alunos que ingressam no curso de auxiliar de enfermagem em relação ao ser profissional e as suas atribuições. *Rev Esc Enferm USP*. 1999; 33(3): 217-23.
3. Lopes ACC, et al. Construção e avaliação de software educacional sobre cateterismo urinário de demora. *Rev Esc Enferm USP*. 2011; 45(1): 215-22.
4. Zerbetto SR, Pereira MAO. O trabalho do profissional de nível médio de enfermagem nos novos dispositivos de atenção em saúde mental. *Rev Latino-Am Enfermagem*. 2005; 13(1): 112-7.
5. Fonseca MJL. Supervisão em ensinos clínicos de enfermagem: perspectiva do docente. Coimbra: Formasau; 2006. 125p.
6. Sarano J. O relacionamento com o doente: dificuldades e perspectivas no relacionamento entre terapeutas e clientes. São Paulo: EPU; 1978. 82p.
7. Barros S, Rolim MA. O ensino de enfermagem psiquiátrica e a lei do exercício profissional da enfermagem. *Rev Latino-Am. Enfermagem*. 1996; 4(1): 47-54.
8. Ferreira MMC. Alguns factores que influenciam a aprendizagem do estudante de enfermagem. *Rev Millenium – Revista do ISPV*. 2005; 31: 150-173.
9. Fernandes JD, et al. Dimensão ética do fazer cotidiano no processo de formação do enfermeiro. *Rev Esc Enferm USP*. 2008; 42(2): 396-403.
10. Pettengill MAM, Nunes CB, Barbosa MAM. Professor e aluno compartilhando da experiência de ensino-aprendizagem: a disciplina de Enfermagem Pediátrica da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. *Rev Latino-Am Enfermagem*. 2003; 11(4): 453-60.
11. Boto C. Por uma ética em profissão: rumo a uma nova paideia. *Rev Interface*. 2002; 6(10): 9-25.

12. Mitre SM, et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. *Rev Ciência & Saúde Coletiva*. 2008; 13(2): 2133-2144.
13. Bettancourt L, et al. O docente de enfermagem nos campos de prática clínica: um enfoque fenomenológico. *Rev Latino-Am. Enfermagem*. 2011; 19(5).
14. Nunes ECDA, Silva LWS, Pires EPOR. O ensino superior de enfermagem: implicações da formação profissional para o cuidado transpessoal. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. 2011; 19(2).
15. Sarabia B. A aprendizagem e o ensino das atitudes. In: Coll C, Pozo JI, Sarabia B, Vals E. Os conteúdos na reforma-ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Porto Alegre: Artes Médicas; 1998.119-182p.
16. Lambert WW, Lambert WE. *Psicologia social*. Rio de Janeiro: Zahar; 1972.
17. Rodrigues A. *Psicologia social*. Petrópolis: Vozes; 1981. 573p.
18. Guilford JP. *Psychometric methods*. 2ª ed. New York: Mc Graw-Hill; 1954.
19. Nosow V, Puschel VAA. O ensino de conteúdos atitudinais na formação inicial do enfermeiro. *Rev Esc Enferm USP*. 2009; 43(2): 1232-1237.
20. Dantas RAS, Aguillar OM. O ensino médio e o exercício profissional no contexto da enfermagem brasileira. *Rev Latino-Am Enfermagem*. 1999; 7(2): 25-32.
21. Kobayashi RM, Frias MAEF, Leite MMJ. Caracterização das publicações sobre a educação profissional de enfermagem do Brasil. *Rev Esc Enferm USP*. 2001; 35(1): 72-9.
22. Costa AFG. *Interdisciplinaridade: a práxis da didática psicopedagógica*. Rio de Janeiro: Unitec; 2000. 132p.
23. Ribeiro MILC, Pedrão LJ. Relacionamento interpessoal no nível médio de enfermagem. *Rev Bras Enferm*. 2005; 58(3): 311-5.
24. Zabala A. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed; 1998.
25. Cunha MRO, et al. Atitudes do enfermeiro em contexto de ensino clínico: uma revisão da literatura. *Rev Millenium – Revista do ISPV*. 2010; 38.
26. Faria S. *Supervisão clínica na enfermagem no caminho da excelência dos cuidados*. 2007. Disponível em

http://www.forumenfermagem.org/index2.php?option=com-content&do_pdf=1&id=2959>.

27. Oliveira MK. Vygotsky e o processo de formação de conceitos. In: La Taille Y, Oliveira MK, Dantas H. Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus; 1992.
28. Oliveira MK. Vygotsky: Aprendizado e Desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione; 2009.
29. Vygotsky LS. Pensamento e Linguagem. 4ª ed. Rio de Janeiro: Martins; 2008.
30. Silva LTR et al. Lev Semionovitch Vygotsky. In: Bueno SMV, Mulato AC. Destacando grandes pensadores da educação contemporânea. Ribeirão Preto: FIERP/EERP/USP; 2009.
31. Vygotsky LS. A formação social da mente. Rio de Janeiro: Martins; 2007. 220p.
32. Vygotsky LS. A interação entre aprendizado e desenvolvimento. In: Vygotsky LS. A formação social da mente. São Paulo: Scipione; 2010.
33. Luque RC. Desenvolvimento, educação e educação escolar: a teoria sociocultural de desenvolvimento e aprendizagem. In: Coll C, Marchesi A e Palácios J. Desenvolvimento psicológico e educação. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 2.
34. Andrade MM. Introdução à metodologia do trabalho científico. 5ª ed. São Paulo: Atlas; 2001.
35. Minayo MCS. O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde. 2ª ed. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco; 1993.
36. Brasil. Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB. Diário Oficial da União, Brasília, 20 dez, 1996. Seção 1, p. 27833 - 41.
37. Brasil. Decreto 5154/04 de 23 de julho de 2004 . Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências.
38. Gatti A. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Líber Livro; 2005.
39. Conselho Nacional de Saúde (Brasil). Resolução n.º 196/96. Decreto n.º 93.933, de janeiro de 1987. Estabelece critérios sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Bioética 1996; 4(2):15-6.

40. Bardin L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70; 2009.
41. Thofehrn MB, Leopardi MT. Construtivismo Sócio-Histórico de Vygostky e a Enfermagem. *Rev Bras Enferm*. 2006; 59(5): 694-8.
42. Stutz BL, Jansen AC. Ensino técnico na área da saúde: os desafios do processo de aprendizagem. *Rev Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*. 2006; 10(2): 211-221.
43. Simões JFFL, Garrido AFS. Finalidade das estratégias de supervisão utilizadas em ensino clínico de Enfermagem. *Rev Texto & Contexto - Enfermagem*. 2007; 16(4). 599-608p.
44. Leoni MG. *Autoconhecimento do enfermeiro na relação terapêutica*. Rio de Janeiro: Cultura Médica; 1996.
45. Carreteri M. *Construtivismo e Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1997.
46. Machado FB, Miranda LL. O uso do construtivismo e da afetividade nas metodologias de ensino à distancia. 2006. [Trabalho de conclusão de curso]. Pontifca Universidade Católica, Rio de Janeiro: 2006. 80 p.
47. Bosquetti LS, Braga EM. Reações comunicativas dos alunos de enfermagem frente ao primeiro estágio curricular. *Rev Esc Enferm USP*. 2008; 42(4): 690-6.
48. Haddad MCL. Enfermagem médico-cirúrgica: uma nova abordagem de ensino e sua avaliação pelo aluno. *Rev Latino-Am Enfermagem*. 1993; 1(2): 97-112.
49. Mello MC, Fugulin FMT, Gaidzinski RR. O tempo no processo de trabalho em saúde: uma abordagem sociológica. *Rev Acta Paul Enferm*. 2007; 20(1): 87-90.
50. Hildegard EP. *Interpersonal Relations in Nursing*. New York: Springer; 1991.
51. Ferreira RC, Fiorini VML, Crivelaro E. Formação profissional no SUS: o papel da atenção básica em saúde na perspectiva docente. *Rev Brasileira de Educação Médica*. 2010; 34 (2): 207-215.
52. Daniel LF. *Atitudes interpessoais em enfermagem*. São Paulo: EPU; 1983.
53. Casate JC, Corrêa AK. Vivências de alunos de enfermagem em estágio hospitalar: subsídios para refletir sobre a humanização em saúde. *Rev Esc Enferm USP*. 2006; 40(3): 321-8.

54. Araújo MMT, Silva MJP, Puggina ACG. A comunicação não-verbal enquanto fator iatrogênico. *Rev Esc Enferm USP*. 2007; 41(3): 419-25.
55. Assmar EML, Rodrigues A, Jablonski B. *Psicologia social*. 26ª ed. Petrópolis: Vozes; 2008. 480p.
56. Teixeira ER. A questão de eros na filosofia do cuidado com o corpo. *Rev Texto Contexto Enferm*. 2006; 15(3): 186- 92.
57. Erdmann AL, et al . Construindo um modelo de sistema de cuidados. *Rev Acta Paul Enferm*. 2007; 20(2).
58. Roger C. *Liberdade de aprender em nossa década*. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1986.
59. Braungart MM, Braungart RG, Gramet P. Applying learning theories to healthcare practice. In: Bastabel S, Gramet P, Jacobs K, Sopczyk DL. *Health Professional as Educator*. Sudbury: Jones & Bartlett Learning; 2011.
60. Martins MCFN. Cuidando do futuro cuidador. In: Marco MA. *A face humana da medicina: do modelo biomédico ao modelo biopsicossocial*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003. 87-92p.
61. Reibnitz KS, Prado ML. Criatividade e relação pedagógica: em busca de caminhos para a formação do profissional crítico criativo. *Rev Bras Enferm*. 2003; 56(4): 439-442.
62. Costa CRBSF, Batista RS. As teorias do desenvolvimento moral e o ensino médico: uma reflexão pedagógica centrada na autonomia do educando. *Rev Bras Edu Méd*. 2004; 28(3): 242-250.
63. Simões JFFL, et al. Supervisão em ensino clínico de enfermagem: três olhares cruzados. *Rev Investigação em Enfermagem*. 2006; 14.
64. Trevizan MA, et al. A busca pelo comprometimento atitudinal: tendência da conduta ética do enfermeiro gerente. *Rev Esc Enferm USP*. 2009; 43(3).
65. Pinhel I. O desenvolvimento de competências para docência segundo a vivência de docentes de um curso de graduação em enfermagem. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2006.
66. Freire P. *Educação como prática de liberdade*. 29ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2006.
67. Reibnitz KS, Prado ML. *Inovação e Educação em Enfermagem*. Florianópolis: Cidade Futura; 2006.
68. Gubert E, Pradol ML. *Desafios na prática pedagógica na educação*

profissional em enfermagem. Rev Eletr Enf. 2011; 13(2): 285-95. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v13/n2/v13n2a15.htm>.

69. Terra MG, et al. O dito e o não dito do ser – docente – enfermeiro/a na compreensão da sensibilidade. Rev Bras Enferm. 2008; 61(5): 558-64.

70. Palangana IC. Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social. 2ª ed. São Paulo: Plexus; 1998.

71. Silva LMG, et al. Comunicação não-verbal: reflexões acerca da linguagem corporal. Rev Latino-Am Enfermagem. 2000; 8(4): 52-8.

72. Rodwell MK. Um modelo alternativo de pesquisa: o construtivismo. Rev Faeeba. 1994; 3(1): 125-41.

73. Faria JIL, Casagrande LDR. A educação para o século XXI. Rev Latino-Am Enfermagem. 2004; 12(5): 821-7.

74. Maissiat GS, Carreno I. Enfermeiros docentes do ensino técnico em enfermagem: uma revisão integrativa. Rev Destaques Acadêmicos. 2010; 2(3).

75. Valente GSC, Viana LO. A formação do enfermeiro para o ensino de nível médio em enfermagem: Uma questão de competência. Rev Eletrônica Enfermeria Global. 2006; 9.

76. Melo FNP, Damasceno MMC. A construção de um software educativo sobre ausculta dos sons respiratórios. Rev Esc Enferm USP. 2006; 40(4): 563-9.

77. Alves R. Conversas com quem gosta de ensinar. São Paulo: Papirus; 2000.

78. SCARINCI IC, et al. Apoio psicológico: Uma necessidade dos alunos de enfermagem. Rev Semina. 1989; 10(2): 98-103.

79. Moura ECC, Mesquita LFC. Estratégias de ensino-aprendizagem na percepção de graduandos de enfermagem. Rev Bras Enferm. 2010; 63(5): 793-8.

80. Valsecchi EASS, Nogueira MS. Comunicação professor aluno: aspectos relacionados ao estágio supervisionado. Ciênc Cuidado Saúde [internet]. 2002 primeiro semestre.

81. Baquero R. Vygotsky e a aprendizagem escolar. 2a ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 2001.

82. Vellozo V, Martins MIC, Nascimento RB. Articulando ensino e pesquisa: construindo uma proposta de capacitação para docentes do ensino técnico. Cad. Saúde Pública. 1999; 15(Sup 2):29-37.

Anexos

ANEXO 1**Instrumento de identificação**

Número do formulário _____

Data do preenchimento _____

Caracterização do Professor

1. Sexo

2. Idade

3. Formação universitária:

Licenciatura em Enfermagem () Curso de Formação no âmbito

Pedagógico ()

Especialização () Mestrado () Doutorado ()

Outros: _____

4. Tempo de formação universitária/ graduação (qual)

5. Tempo de experiência assistencial e gerencial na área da enfermagem

6. Tempo que atua como professor de ensino técnico em enfermagem

7. Tempo que trabalha como professor nesta escola

8. Disciplina(s) que ministra atualmente na escola

Ministra: Teoria e Prática () ou Prática

ANEXO 2

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu Daniele Soares Carlin, mestranda do Programa de Pós Graduação em Gerenciamento em Enfermagem da Escola de Enfermagem da USP, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Prado Fernandes, estou convidando alguns professores que atuam na formação de profissionais técnicos de enfermagem para saber se concordam em participar desse estudo. O tema do projeto “Relação interpessoal professor aluno no ensino profissional técnico em enfermagem: repercussões na aprendizagem atitudinal” tem como objetivo analisar a percepção dos professores acerca da relação interpessoal professor aluno no ensino profissionalizante de enfermagem.

Essa pesquisa será composta por um encontro com um grupo de 08 a 12 professores para conversarmos sobre o tema. As falas dos professores que participarem dessa atividade serão gravadas após a permissão do grupo e nossa reunião terá a duração média de 60 a 120 minutos. Será realizada de forma ética, em local privado, respeitando a sua disponibilidade. Tudo que for falado durante as nossas conversas será guardado em segredo profissional. Se concordar, sua participação consistirá em responder uma questão. Os professores ao participarem desta pesquisa terão liberdade de expressar suas percepções. Poderão fazer qualquer pergunta sobre o estudo e, se tiverem alguma dúvida, procurarei responder. Nossos encontros serão realizados aqui na Escola.

Esta pesquisa já teve permissão do(a) diretor(a) da escola, porém sua participação é voluntária e você tem o direito de sair da mesma, se desejar, em qualquer momento, sem que acarrete nenhum prejuízo. Não será necessário que se identifique e sua participação não afetará seu trabalho. Esta pesquisa não lhe trará nenhum risco ou despesa. Caso aceite participar, as informações concedidas serão mantidas em absoluto sigilo, sem identificação de seu nome como participante ou tampouco da instituição em que trabalha.

Os resultados somente serão divulgados para essa pesquisa em revistas científicas da área da enfermagem e da educação. Esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido consta de duas vias, sendo que uma via ficará com você.

Poderá entrar em contato comigo em qualquer momento que desejar e ter acesso aos resultados obtidos neste estudo. Meu contato e-mail: danielle.carlin@usp.br. Pode também contatar o Comitê de Ética e Pesquisa da EEUSP por meio do e-mail: edipesq@usp.br

Sua participação será muito importante e gostaria de contribuir com vocês, ampliando as reflexões sobre as questões que permeiam a relação interpessoal entre professor aluno e, após essa pesquisa, será promovido um encontro nesta escola para apresentar os resultados obtidos.

Atenciosamente

Daniele Soares Carlin

Você deseja perguntar alguma coisa?

Você concorda em participar deste estudo?

Declaro que, após ter sido esclarecido (a) sobre a pesquisa, de forma clara, e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente estudo voluntariamente.

Assinatura do Participante

ANEXO 3

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 - CEP 05403-000
Tel.: (011) 3061-7548/8858 - Fax: (011) 3061-7548 -
São Paulo - SP - Brasil
e-mail: edipesq@usp.br

São Paulo, 06 de abril de 2011.

Ilm.^a Sr.^a
Daniele Soares Carlin

Ref.: Processo nº 1013/2011/CEP-EEUSP

Prezada Senhora,

Em atenção à solicitação referente à análise do projeto “**Relação interpessoal professor aluno face a aprendizagem atitudinal no ensino profissionalizante em enfermagem**”, informamos que o mesmo foi considerado aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (CEP/EEUSP).

Analisado sob o aspecto ético-legal, atende às exigências da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Esclarecemos que após o término da pesquisa, os resultados obtidos deverão ser encaminhados ao CEP/EEUSP, para serem anexados ao processo.

Atenciosamente,

Prof.ª Dr.ª Célia Maria Sivalli Campos
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa da
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo